

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES - ESCOLA DE BELAS ARTES**  
**COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN**

Danielly Caetano Fernandes

**GUETO:** uma proposta de ocupação digital da periferia

Rio de Janeiro  
2022

Danielly Caetano Fernandes

**GUETO:** uma proposta de ocupação digital da periferia

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em  
Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientação: Raquel Ponte.

Rio de Janeiro

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

C363g Caetano Fernandes, Danielly  
GUETO: uma proposta de ocupação digital da  
periferia / Danielly Caetano Fernandes. -- Rio de  
Janeiro, 2022.  
87 f.

Orientadora: Raquel Ponte.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,  
2022.

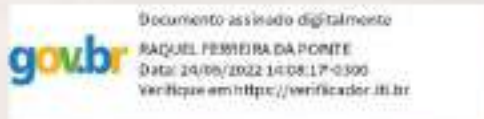
1. A cultura como resistência, ide  
reposicionamento. 2. Preta Periférica Carioca. 3.  
Funk. 4. Hip Hop. 5. Manifestações culturais do povo  
preto. I. Ponte, Raquel, orient. II. Título.

DANIELLY CAETANO FERNANDES

## **GUETO: uma proposta de ocupação digital da periferia**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Visual Design.

Aprovado em: 03 de maio de 2022.



---

Raquel Ferreira da Ponte  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

*Fabiana Oliveira Heinrich*  
Fabiana Oliveira Heinrich  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

*Juliana Lessa Vieira*  
Juliana Lessa Vieira  
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

## Agradecimentos

O primeiro capítulo que na verdade foi o último a ser escrito. O TCC foi um dos processos mais difíceis que eu passei dentro da universidade, senti como se tudo que estudei por quatro anos estivesse sendo colocado a prova. E acredito se não fosse o apoio da minha família e amigos não teria feito um projeto tão bem acabado, o apoio foi importante para entender que nem tudo dá para fazer sozinha e que aceitar ajuda faz bem principalmente em momentos de pressão.

Agradeço primeiro a minha mãe, Argentina Caetano, que sempre me apoiou em todas as minhas vontades e sonhos, que sempre manteve a cultura preta viva na minha criação. Ao meu irmão, Danilo Caetano, que todos os dias que eu precisava virar noites ele deixava o café passando para eu beber. Obrigada por me apoiarem em tudo.

Um agradecimento especial ao grupo de amigas que construí dentro da faculdade. Nunca pensei que a UFRJ fosse me permitir criar essa conexão com essas pessoas, que de colegas de classe viraram mais que amigas, algumas até colegas de trabalho. Obrigada a Andressa, Leticia, Luma, Marina e Yasmin, por ouvirem minha choradeira, por serem tão solícitas, por darem dicas de melhoria para o trabalho, por estarem presentes nos momentos felizes e tristes. A Andressa por participar do grupo focal e a Leticia por tirar tempo para ler minha monografia. Vocês são as pessoas que eu vou levar para minha vida toda.

Um agradecimento muito especial à minha amiga Larissa Janelli, pelo apoio, pelos conteúdos enviados, as indicações de pessoas para construção desse projeto, metade desse projeto é indicação dela. Sou grata também pelas pessoas que estiveram no meu caminho durante a minha passagem pela UFRJ, obrigada Maria Eduarda (Polly), Natalia, Heitor, Chiara, Renata, Camila, João Pedro, Yuri, Luana e Vico. Sou muito grata pelos momentos ótimos que passei com vocês dentro da faculdade com vocês. Obrigada aos meus amigos de vida, Ivanildo, Brenda, Frederico, Natasha, Laura e Vivian, obrigada pela amizade.

Aqueles que participaram das pesquisas e das divulgações, ao grupo focal, Andressa, Philippe Lopes, Pedro Henrique, José, Renata e Ivanildo, obrigada por tirarem um tempo para participar desse projeto. Obrigada a Juliana Lessa, que me deu aula no ensino fundamental e

agora está compondo a banca desse projeto. Se não fossem professoras como ela, talvez eu não tivesse chegado aqui, apresentando um trabalho de qualidade. Também aproveito para agradecer a Fabiana Heinrich, que também compõe a banca e que esteve muito presente na minha jornada acadêmica.

Um super agradecimento a Raquel Ponte, orientadora desse projeto, uma professora excepcional que esteve muito presente nesse projeto e na minha formação. Obrigada por ser tão atenciosa com os alunos, por acreditar tanto quanto eu nesse trabalho, o que eu aprendi nas suas aulas vou levar para a vida toda. Encerro, agradecendo aos meus ancestrais, homens e mulheres, que lutaram tanto pelas suas próprias raízes e cultura. Dedico essa monografia a todos o negros e pardos brasileiros, mães, pais, filhos irmãos e irmãs.

## Resumo

FERNANDES, Danielly C. **GUETO: uma proposta de ocupação digital da periferia.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual Design) – Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

Esse trabalho de conclusão de curso considera a construção de um projeto gráfico dedicado ao digital, com criação de identidade visual, peças de comunicação em redes sociais e newsletter, desenvolvimento de site e planejamento de conteúdo e postagens para Instagram. Contemplando as possibilidades multidisciplinares do design, o projeto refere-se a uma ocupação digital da periferia, visando o reconhecimento da identidade preta nesses espaços a partir da cultura. Deseja, com isso, promover o protagonismo da periferia e do cidadão que a habita nas comunicações, com objetivo de dissipar a imagem marginalizada do território periférico e de seus indivíduos.

**Palavras-chave:** Periferia. Racismo Estrutural. Identidade. Cultura. Hip Hop. Funk. Social Media. Website.

## **Abstract**

FERNANDES, Danielly C. **GHETTO: proposal for a digital occupation of the periphery.** Completion of course work (Graduation in Visual Design Communication) – Rio de Janeiro, 2022.

This completion of course work considers the construction of a graphic project dedicated to digital, with the construction of visual identity, communications pieces in social media and newsletter, website development and content planning and posts for Instagram.

Contemplating the multidisciplinary possibilities of design, the work refers to a digital occupation of the periphery, aiming at the recognition of black identity in these spaces based on culture. With that, promoting the role of the periphery and of the citizens who inhabit it in communications, with the aim of dispelling the marginalized image of the periphery and its individuals.

**Keywords:** Periphery. Structural Racism. Identity. Culture. Hip Hop. Funk. Social Media. Website.



## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>2. A cultura como resistência, identidade e reposicionamento para a população Preta Periférica Carioca .....</b>	<b>13</b>
2.1 Colonização Brasileira: A Diáspora Africana e seus impactos até os dias atuais .....	13
2.1.2 Formação das periferias: desigualdade sócio espacial e racial no Rio de Janeiro .....	15
2.1.3 Modernismo brasileiro e a problemática do ideal de identidade nacional .....	17
2.1.4 O apagamento e as perseguições as manifestações culturais do povo preto ....	18
2.2 Cultura como afirmação de um povo no espaço .....	19
2.2.1 A Periferia e as narrativas derivadas de fluxos culturais autônomos .....	20
2.4 Do Hip Hop ao Funk, o território como formação de narrativas ....	21
2.4.1 O Hip Hop .....	21
2.4.2 O Funk .....	23
2.5 A valorização do Hip Hop e do Funk .....	25
<b>3. O projeto .....</b>	<b>26</b>
3.2 Grupo Focal .....	26
3.3 Questionário .....	29
3.4 Definição da proposta .....	34
3.5 Pesquisa de referências .....	35
3.6 Definição de conteúdos .....	40

3.7 Naming .....	41
3.8 Planejamento.....	42
3.9 Identidade Visual .....	44
3.9.1 Visuais da Periferia .....	44
3.9.2 Logotipo .....	46
3.9.2 Tipografia.....	47
3.9.3 Paleta de Cor .....	48
3.10 Aplicações .....	52
3.10.1 Instagram .....	52
3.10.2 Site .....	57
3.9.3 Playlist Spotify .....	60
<b>4. Conclusão</b>	
<b>Bibliografia .....</b>	<b>62</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>63</b>

*Era só mais um Silva que a estrela não brilha*

*Ele era funkeiro, mas era pai de família*

MC MARCINHO. Rap do Silva: 2007

## 1. Introdução

De todos os territórios que já vivi no Rio de Janeiro, a periferia foi o que mais me marcou, não apenas pela sua diferença em relação ao centro, mas pela sua caótica receptividade. Dentre os bairros que se estendem pela linha do trem, das pessoas diferentes que compõem um grande coletivo, da cultura que nasce nos becos e vielas, a periferia cria suas próprias regras e identidades. As ruas de Madureira, por meio das músicas em cada esquina e das paredes grafitadas com artes de resistência, fizeram com que eu me sentisse parte de um espaço, com que eu alcançasse a minha individualidade dentro de um coletivo como mulher preta.

*Você deve tá pensando o que você tem a ver com isso  
Desde o início, por ouro e prata  
Olha quem morre, então, veja você quem mata  
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal  
Me ver pobre preso ou morto já é cultural  
Histórias, registros, escritos  
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito*

RACIONAIS MC's. Negro Drama: 2002

No decorrer dos anos de faculdade, percebi que mesmo pela UFRJ estar inserida dentro da Zona Norte e próximo da periferia, os discurso e as relações com a cultura periférica são muito distantes do ambiente acadêmico. Embasada nas minhas percepções sobre a cultura da periferia ao longo da minha graduação, a escolha do tema do meu trabalho de conclusão de curso se baseou na necessidade que enxergava em trazer para dentro da universidade o diálogo sobre periferia e negritude. De início pretendia abordar na pesquisa apenas o Funk Carioca, porém no decorrer dos estudos entendi que precisava contemplar a formação histórica racial e territorial no Brasil, e os impactos nos movimentos culturais populares.

Assim sendo, a pesquisa se iniciou com um levantamento bibliográfico sobre a história do Brasil, focando nas relações raciais antes e depois da abolição da escravatura, entendendo os principais impactos na formação territorial no país. Esse estudo foi importante para que ficasse nítido na pesquisa que o racismo no Brasil vem de um processo histórico, longo e complexo que se estende até os dias atuais. Compreendida a formação territorial periférica a

partir das relações raciais, contemplei a periferia como espaço de produção de narrativas culturais independentes como ato de resistência e sobrevivência à marginalização. Os referenciais teóricos desse levantamento compõem o capítulo 2.

Contudo, ainda era necessário ouvir o público para chegar em um escopo inicial do trabalho. Para isso utilizei um método de pesquisa qualitativo reunindo, em um grupo focal, 6 pessoas pretas periféricas de diferentes gêneros, entre 20 e 30 anos. Levando em consideração os pontos que foram levantados por essas pessoas, parti para uma pesquisa semi-estruturada a partir de um questionário online. Os resultados do questionário foram significativos para chegar em uma proposta de valorização da cultura periférica dando destaque ao Funk e Hip Hop, e utilizando da internet e principalmente das redes sociais como meios de comunicação. Esses dois levantamentos de dados primários serão apresentados no capítulo 3.

Assim sendo, esta monografia abrange um estudo sobre o racismo estrutural e a suas influências nas produções da população preta periférica, e propõe uma valorização da periferia por meio da cultura, dando visibilidade ao Hip Hop e o Funk, por meio de uma ocupação digital.

## **2. A cultura como resistência, identidade e reposicionamento para a população Preta Periférica Carioca**

### **2.1 Colonização Brasileira: A Diáspora Africana e seus impactos até os dias atuais**

Pouco se sabe sobre os territórios africanos e americanos antes da colonização. No Brasil a história tradicionalmente estudada nas escolas costuma transmitir a visão que a origem do país é marcada pela chegada dos portugueses, ainda que já houvesse há séculos populações indígenas originárias no território que hoje compreende o nosso país. Os povos indígenas se dividiam em tribos com diferentes línguas e culturas pelo solo brasileiro, viviam numa relação terra-natureza não mercadológica<sup>1</sup>, contrária ao que viria a se estabelecer mais a frente pelos portugueses. No mesmo período, também antes das grandes navegações, as sociedades africanas estavam constituídas por grandes impérios sólidos, que possuíam estruturas políticas firmes e abrangiam como objetivo principal a promoção da ordem social num bem em comum de cada sociedade (Gueye, 2018).

Em 1500, no dia 22 de abril, Pedro Álvares Cabral, numa viagem em direção à Índia, desviou muito mais para oeste, se distanciando do continente africano e, ao longe no horizonte, se deparou com as terras que hoje conhecemos como Brasil. O solo fértil aparentava ser excelente para uma futura exploração portuguesa. Porém, apenas em 1532 formou-se economicamente e civilmente a sociedade brasileira: Uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração da mão de obra, híbrida de indígenas - e mais tarde de negro - na composição, como decreveu Gilberto Freyre em *Casa-Grande Senzala* (1933). A partir da década de 1570, pretos do continente africano começaram a ser transportados em massa para serem escravizados no nordeste brasileiro.

A escravidão e a forma com que colonização Brasil foi executada resultou não só nas relações raciais que existem nos tempos atuais, mas também em uma sociedade que não possui conhecimento da própria origem. Durante um longo período de 1550 a 1888, estima-se

---

<sup>1</sup>Serviço Social & Sociedade. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.155>. Acesso 22/04/2022

que mais de 5,8 milhões de homens e mulheres<sup>2</sup> foram trazidos nos navios europeus de países do continente africano, como Angola, Senegal e Benin para as terras brasileiras. Por mais que a escravidão fosse comum entre muitos grupos africanos e europeus, os moldes adotados pelos europeus na Idade Moderna eram muito mais agressivos e prejudiciais, por conta do caráter mercantil voltado para ampliação de capital em diversos setores econômicos. A escravidão no continente Africano se baseava em uma alternativa para a aquisição de mão-de-obra, era uma forma expressar soberania política pelos reis e autoridades. Com a chegada dos europeus e com forte influência da expansão da igreja católica, os escravizados passaram a ser mercadoria e propriedade dos senhores. (CARVALHO, 2010)

Transportados em navios abarrotados, em que muitos vinham a falecer durante o trajeto, negros africanos com línguas e culturas diferentes foram arrancados de seus territórios e raízes durante a era da escravidão. O impacto da diáspora africana, processo de imigração forçada de africanos durante os anos de escravidão, atinge o continente Africano e o Brasil até os dias atuais. A partir do momento em que os negros africanos entravam nos navios, eram privados dos seus costumes, religiões, histórias, nomes e sobrenomes, passando a serem identificados pela forma que os traficantes de escravos escolhiam, gerando um impacto agressivo na formação de subjetividades.

Em solo, a memória em relação às manifestações culturais de origens africanas foram cada vez mais apagadas, desde sobrenomes a costumes. Ao mesmo tempo que a visão em relação ao continente africano, do mundo, nega as subjetividades existentes no território, tornando a África um único bloco, apagando a riqueza cultural de diferentes civilizações, como mostra o documentário da Sankofa, dirigido por Rozane Braga, em 2020.

A negação da identidade afro-brasileira ocasionou durante muito anos a busca em separar o Brasil da sua negritude, com ataques a manifestações culturais de pessoas pretas e uma tentativa de embranquecimento da sociedade.

Na história do pensamento racial brasileiro, num primeiro momento, o racismo científico, que buscava explicar as diferenças raciais por critérios evolucionistas, legitimando as desigualdades existentes entre as raças e dando à raça branca o

---

<sup>2</sup>Slave Voyages. <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso 22/04/2022

significado de civilização, legando negros e indígenas à mazelas da mestiçagem. A miscigenação não só caracterizava uma população, mas tentava definir uma nacionalidade e assegurar a viabilidade de um Estado, justificando o atraso e projetando o futuro por meio do branqueamento.

(PELEGRINI, 2014, p.19-20)

Entendia-se que o lado branco do mestiço representava a parte positiva do indivíduo enquanto o lado preto trazia à tona as piores características, como a criminalidade. Autores, como Raimundo Nina Rodrigues, que escreveu *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (1938), ajudaram a estabelecer as relações raciais pós escravidão e a visão do que deveria ser o cidadão brasileiro. Relações que foram fundamentais para a desigualdade racial que vemos nos dias atuais.

### 2.1.2 Formação das periferias: desigualdade sócio espacial e racial no Rio de Janeiro

Após 300 anos de escravidão, apagamento cultural e reconstrução identitária, em 13 de maio de 1888, Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que decretava a libertação dos escravos no país. A abolição do tráfico de escravizados manteve os negros às margens da sociedade, em consequência de não terem sido elaboradas leis para inserção dessas dos ex-escravizados na sociedade. Uma boa parte da elite brasileira não desejava que os negros assumissem os novos postos de trabalho que estavam surgindo no Brasil. Sem educação, infraestrutura, saúde e moradia, o que restou a essa população são poucas opções de sobrevivência (SANTOS, 2019, p.3). E foi então que, após serem expulsos das fazendas, os ex-escravos foram viver nos morros, formando as favelas.

A partir de uma preocupação da elite em embranquecer o país, italianos e japoneses foram deslocados para assumir os postos de trabalho, que, após intensos anos de tráfico escravo, era majoritariamente preta e mestiça. É sempre preferível ter um branco em seu posto de trabalho do que um negro (SANTOS, 2019, p.3). O apagamento e a exclusão da negritude brasileira se perpetuou avançando na nova República que se formava. Surgia no início do século XX a necessidade de uma reconstrução da sociedade brasileira, uma busca por uma nova identidade do cidadão brasileiro dentro da nação.



Entre 1903 e 1906, a cidade do Rio de Janeiro foi marcada por uma reforma urbana planejada e executada pelo prefeito Francisco Pereira Passos. A reformulação urbana surgiu sobre uma ação incentivada pelo ex-Presidente da República Rodrigues Alves, em razão da imagem e da economia da antiga capital federal. O crescimento da população carioca aconteceu de maneira descontrolada no final do século XIX. A falta de políticas de inclusão social na abolição da escravidão culminou na concentração de pessoas vivendo em condições precárias nas regiões centrais do Rio de Janeiro.

A reforma da região portuária proposta pelo engenheiro Pereira Passos buscava principalmente o progresso e a renovação estética e sanitária, na capital suja e desorganizada. Com incentivo de Rodrigues Alves, a reforma da região portuária da cidade teve maior relevância, por conta de ser a porta de entrada da antiga capital e conseqüentemente do país. As obras realizadas na região desabrigaram milhares de pessoas que viviam em casas de cômodos e cortiços. As mudanças marcaram uma distinção mais clara entre conteúdos sociais e econômicos (BENCHIMOL, 1992). O custo de vida nas regiões centro e sul aumentou e a classe trabalhadora teve que se deslocar para os subúrbios e periferias.

Simultaneamente às demolições no centro, verificava-se intenso movimento de construções na periferia, tanto para os lados de Copacabana, como para o dos subúrbios. Registram-se vários conflitos entre governo municipal e os construtores, especuladores e proprietários, envolvendo duas questões entrelaçadas: os interesses fiscais do Estado e a promulgação de uma legislação disciplinando as construções. (BENCHIMOL, 1992, p.260)

Desde a colonização, a desigualdade racial marcou a história do país. Com a expansão das periferias e subúrbios essa desigualdade passou a ser territorial também. Na definição geográfica o subúrbio, em contraponto à periferia, consiste em uma nova concepção de espaço, que rodeia o centro, formando estruturas sociais e econômicas básicas. As regiões periféricas, no entanto, seriam dependentes das centrais. No Rio de Janeiro os termos subúrbio e periferia se esvaziam: enquanto o centro retém a riqueza e o poder, às regiões suburbanas e periféricas, dependentes do centro, resta a pobreza (SOTO, 2008).

A desigualdade social e econômica se torna visível na construção populacional desses territórios: mais de 90% da população branca carioca se concentra nas regiões centrais<sup>3</sup>. Por mais que 50% da população seja preta, o arranjo espacial pós reformas e a falta de políticas públicas para inserção dos escravos na sociedade foram determinantes para a segregação racial que existe hoje na cidade carioca.

### 2.1.3 Modernismo brasileiro e a problemática do ideal de identidade nacional

A FLUP 22 - Festa Literária das Periferias de 2022, ocorrida no Museu de Arte do Rio (MAR) e no Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (Muhcab), trouxe como tema os 100 anos do Modernismo Negro. Com shows, performances e espetáculos de dança, o evento questionou as narrativas étnicas culturais estabelecidas pelos intelectuais modernistas dos anos 1920. O Modernismo brasileiro teve como destaque inicial a Semana de Arte Moderna de 1922, realizada no Theatro Municipal de São Paulo, que reuniu diferentes apresentações, como exposição de arte e poesia. No contexto de uma busca pela construção da identidade nacional por meio da estética, o movimento se caracterizou por uma busca de uma nova visão nacional brasileira inspirada nas vanguardas europeias, se apropriando das culturas periféricas, indígenas e afrodescendentes, para criar uma cultura mestiça brasileira (OLIVEIRA, 2017, p.156-164).

Em busca de novos valores estéticos, os artistas brasileiros optaram pela exploração máxima da temática étnica, a qual também constitui a nação. A interação entre as várias etnias foi reconhecida como forma e força originais de nossa formação via “mestiçagem espontânea”. (OLIVEIRA, 2017, p.162)

Na mesa *Modernismo Negro: vanguarda e pós-modernidade no século XXI* da FLUP 22, os artistas plásticos Thayná Trindade e Elian Almeida, sob a mediação de Sabrina Fidalgo, durante um diálogo sobre arte preta e a necessidade de visibilidade desses artistas negros, as problemáticas raciais relacionadas ao modernismo dos anos 1920 entram em foco. O apagamento dos negros e os estereótipos decorrentes do movimento estético surgiram no discurso de Thayná, que fez referência ao uso, por parte dos modernistas, das produções culturais afro e indígena por meio de uma limpeza étnica em uma tentativa de criar uma imagem de brasilidade por meio da misgenação cultural. A limpeza étnica foi feita tornando

---

<sup>3</sup> <https://rioonwatch.org.br/?p=17005>

as culturas periféricas mais "agradáveis" para uma visão ocidental europeia. Como conta Elian, por mais que o movimento buscasse um ideal de nacionalidade baseado na mistura de culturas, os representantes eram brancos intelectuais que vindos da Europa trouxeram o pensamento de identidade nacional. E nesse sentido, no debate, concluiu-se que é complexo dizer que existe um modernismo negro, pois em nenhum momento da história houve o protagonismo de artistas e intelectuais pretos. Além das questões de representatividade, os estereótipos estéticos fortalecidos no período também compõem o diálogo na FLUP. A forma caricata com que corpos negros e indígenas eram representados em obras como *A Negra*, de Tarsila do Amaral, é citada para exemplificar a diminuição caráter estético afro brasileiro no período.

#### 2.1.4 O apagamento e as perseguições às manifestações culturais do povo preto

A formação da identidade nacional brasileira se consolidou a partir de um ideal de miscigenação, em que o branqueamento racial era uma forma para que a população brasileira se tornasse mais bem vista por meio do “desaparecimento” dos corpos negros. Desse modo, a criminalização e o apagamento das pessoas pretas e das suas manifestações surgiram com o objetivo de fortalecer a imagem negativa desses indivíduos. Da mesma forma que no Brasil, o racismo estrutural se estabeleceu nas Américas, em que nenhum dos países não ofereceram qualquer assistência aos ex-escravos.

A criminalização do povo negro e conseqüentemente, de sua cultura, era uma das vias utilizadas para que se reforçasse a ideia de que pessoas negras além de serem inferiores, eram também muito mais predispostas a cometerem crimes. (MENEZES, 2020, p.30)

O documentário da Netflix “A 13ª Emenda”, dirigido por Ava DuVernay (2016), retrata como a mídia teve um papel fundamental para a consolidação do racismo estrutural nos EUA. As pessoas pretas eram retratadas nos filmes, charges e livros como criminosos sexuais, ladrões e assassinos, instaurando na população não negra uma aversão aos negros. No Brasil, assim como neste país norte-americano, também houve um apoio de estudiosos, como Nina Rodrigues, já citado no texto, e da mídia. Da mesma maneira que os corpos foram marginalizados, as manifestações culturais também foram. A capoeira e as expressões

religiosas vieram a ser proibidas por lei, presentes no código penal de 1890 (MENEZES, 2020, p.32).

No decorrer dos anos, as manifestações culturais e religiosas, além de marginalizadas, estiveram associadas à bruxaria. A Lei da Vadiagem, artigo 399, aplicada em código penal em 1890, decretava que o indivíduo se tornava vadio quando não possuía uma profissão.

Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras.

Art. 399. Deixar de exercer profissão, officio, ou qualquer mistêr em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistência e domicilio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes:’

‘Pena – de prisão cellualar por quinze a trinta dias.

(PIERANGELLI, 1980, p.316)

Mesmo com o fim da lei, nos dias atuais, a discriminação, se mantém em relação a tais manifestações como o funk, por exemplo, que tem origem periférica e retrata a vivência nas favelas de forma explícita.

## 2.2 Cultura como afirmação de um povo no espaço

A cultura pode ser compreendida como resultado da existência em determinado território, que surge de atividades frequentes do dia a dia, de forma inconsciente na maioria das vezes, segundo Aldo Vannucchi. Porém, em uma análise um pouco mais aprofundada, é preciso entender que os fenômenos da cultura são compostas por processos históricos e sociais. Segundo John B. Thompson, a cultura vai além de algo que seja inconsciente. Para ele, a evolução e as relações sociais interferem na cultura de cada povo.

O conceito de cultura refere-se a uma gama de fenômenos e um conjunto de preocupações que são compartilhados hoje por analistas que trabalham em várias disciplinas, desde a sociologia e a antropologia até a história e a crítica literária. (THOMPSON, 1990)

A ideia de cultura com uma associação ao indivíduo educado nas artes liberais é tecida a partir do cristianismo e prevaleceu durante o Renascentismo. (VANNUCCHI, 1999) No início do século XIV, a palavra cultura era usada como sinônimo de civilização, transmitindo a ideia de que o ser humano que era considerado sem cultura, fosse primitivo. Esse ideal teve papel fundamental para criar a imagem do homem superior branco europeu, em relação a outras culturas humanas, desumanizando esses outros indivíduos, ao assemelhá-los a animais.

Esse princípio eurocentrista, que colocava a imagem do homem branco europeu acima de qualquer outro, foi utilizado como justificativa para a escravidão, para o colonialismo e para o facismo.

Na verdade, não foi a cultura humanista como tal que perdeu o crédito, mas certa espécie de humanismo retórico, estéril, fechado a si próprio e, por isso mesmo, como notou Sartre, conduzindo tristemente ao facismo.  
(VANNUCCHI, 1999)

No Brasil, podemos compreender a cultura em dois momentos: a popular, produzida pelo povo, que não necessariamente possui um caráter de resistência, e a cultura proveniente da elite, que tem um caráter mais eurocentrista. A colonização e a formação social brasileira foram responsáveis pela desigualdade existente nos dias atuais, e influenciaram a cultura de classe, que sofre com a marginalização e opressões políticas. Não há como definir a cultura do povo por um único conteúdo, ela se caracteriza por uma junção de individualidades e vivências, que recebe influência das relações de poder. (VANNUCCHI, 1999)

### 2.2.1 A Periferia e as narrativas derivadas de fluxos culturais autônomos

A desigualdade territorial na cidade do Rio de Janeiro não se estabeleceu por uma coincidência, ela foi resultado de processos de segregação e criminalização da população negra após a abolição da escravatura. Alguns dos fluxos culturais, como o grafite na periferia, se comportam como um ato de resistência, no sentido de trazer à tona as narrativas e individualidades do povo marginalizado. A palavra resistência carrega o sentido de continuar

a existir<sup>4</sup>. Relacionada à periferia essa definição remete a necessidade de (re)existir ante uma constante tentativa de apagamento por parte da classe dominante.

A periferia, para os jovens que nela residem, não tem apenas uma conotação geográfica, mas se refere a um território de existência, no qual identidades são construídas e reconstruídas cotidianamente (TAKEITI e VICENTIN, 2019, p.259).

A partir da década de 1980, as culturas juvenis explodiram nas periferias cariocas e paulistanas: o punk, o funk e o hip hop surgiram nesse momento em oposição à repressão política, à criminalização e à segregação. Carregando rebeldia e agressividade, os movimentos produzidos pelos jovens confrontavam o modo de viver na época e concediam destaque aos saberes e experiências vivenciadas nos espaços periféricos. O estigma de ser jovem, negro e pobre na periferia foram expressados na música, na poesia, na dança e na arte. (TAKEITI e VICENTIN, 2019)

Sendo assim, esses movimentos culturais, provenientes da periferia e reproduzidos por jovens marginalizados, conquistaram uma visibilidade para a vida cotidiana nas regiões periféricas e também serviram como política de reexistência e afirmação das potências do lugar.

## 2.4 Do HipHop ao Funk, o território como formação de narrativas

### 2.4.1 O Hip Hop

A cultura Hip Hop emergiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e de status social para jovens numa comunidade, cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes. (ROSE, 1997, p.202)

Entre os anos 1960 e 1970, as cidade de Nova York e Chicago nos EUA enfrentavam uma onda de violência, pobreza, tráfico de drogas e racismo que assolava os bairros periféricos. Nesse contexto de criminalidade, o Hip Hop teve um papel importante para retirar os jovens da rua, que estavam sujeitos a violências de gangues, por meio da música, da dança e da arte. O movimento buscava, pela promoção da cultura, conscientizar, educar, humanizar,

---

4

[http://www.encontro2017.abrapso.org.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=1616#:~:text=299\)%20%C3%A9%20atribu%C3%ADa%20%C3%A0%20palavra,haver%3B%20subsistir%3B%20durar%C2%BB.](http://www.encontro2017.abrapso.org.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=1616#:~:text=299)%20%C3%A9%20atribu%C3%ADa%20%C3%A0%20palavra,haver%3B%20subsistir%3B%20durar%C2%BB.)

promover, instruir e divertir os moradores da periferia, além de reivindicar direitos e o respeito a esse povo (FOCHI, 2007).

As rimas que descreviam as condições de vida nos guetos logo se expandiram no mundo por meio da cultura do Hip Hop. No Brasil, o break foi a primeira vertente a chegar, os dançarinos buscavam a diversão e a auto-estima através da dança (FOCHI, 2007, p.62-63). A apropriação do cultural nas cidades brasileiras buscava identificação com o protagonismo dos grupos marginalizados e subalternizados na geografia social.

Ao se apropriarem do Hip-Hop estes grupos afirmá-lo como cultura política negra das periferias. A identificação com o Hip Hop se constituía como uma inquietação indagadora, que se traduziu em criticidade (FREIRE, 2001) da realidade vivida nas periferias sociais urbanas e nas grandes cidades que espacializam a desigualdade brasileira de forma brutal (OLIVEIRA, 2006, p.54).

O grafite teve papel na disseminação do Hip Hop no Brasil: as imagens alegres, atrevidas e rebeldes logo começaram a compor o cenário das periferias brasileiras. O Hip Hop no mundo conseguiu ultrapassar o ideal de arte apenas pela estética, pois as imagens traziam consigo questionamentos políticos, como a desigualdade racial (MARTINS, 2013). O rap ou ritmo e poesia, assim como o grafite, também teve importância na difusão do Hip Hop no Brasil. O grupo Racionais MC's foram pioneiros, as letras abordavam sobre as vivências nas periferias e o descaso político com tais espaços (FOCHI, 2007, p.63).

*Pelas marginais os pretos agem como reis (reis)  
Gostar de nós tanto faz, tanto fez (fez)  
Me degradar pra agradar vocês? (nunca!)  
Porque eu não falei eles pensam que eu não sei  
São Paulo tem dinheiro pra caralho pra trincar, né  
Sem perder o foco, olha o fluxo  
Vê, Cross Fox, Tucson, X5 é estouro  
Preto, amarelo ouro é luxo*

O Hip Hop, como uma cultura politizada, utiliza de suas vertentes para redefinir o poder social, ou seja, ele busca trazer uma visão alternativa para questões sociais que desestabilizam os significados culturais dominantes.

#### 2.4.2 O Funk

Na Flórida, o Hip Hop combinado a novos efeitos sonoros mais melódicos deram origem ao *miami bass e freestyle*, ritmos que carregavam um teor latino e uma sensualidade nas letras. Como uma fusão desses fluxos culturais, o Funk Carioca surgiu na década de 1980 nos bairros do Rio de Janeiro e, mais pra frente, ele migrou para a periferia. No fim de 1989, o DJ Marlboro lançou o álbum Funk Brasil: o disco representou o início da explosão do funk como fenômeno midiático, o que resultou na rápida popularização do ritmo entre os jovens (LESSA, 2020).

O sucesso foi tão expressivo, que, ao longo da década de 1990, o DJ lançaria mais quatro edições de Funk Brasil, além de se apresentar ao vivo em programas de televisão de grande audiência – como os programas da apresentadora infanto-juvenil Xuxa –, abrindo espaço para a participação de artistas produzidos por ele (LESSA, 2020).

Conforme o funk foi se firmando como um movimento cultural político na periferia, ele foi se ressignificando e se associando cada vez mais à juventude periférica, conseguindo alcançar um nível de circulação que lhe permitiu se tornar símbolo da cultura periférica carioca (MIZRAHI, 2013). A realidade cantada pelo Funk Carioca no decorrer da década de 1990 expressava as condições de vida e as relações de trabalho precárias das classes mais pobres. Simultaneamente, a conjuntura política da proibicionista época viabilizou o surgimento do mercado ilegal de armas e drogas (LESSA, 2020, p. 18).

No cenário de instabilidade política e o crescimento do tráfico de drogas, a imagem do jovem negro e favelado passou a ser tachado como traficante. Para o Estado, a criação de um inimigo público era muito cômoda: a responsabilidade do problema social das drogas deixava de ser do governo e passava a ser dos "pivetes", e logo mais dos "funkeiros". A associação do funkeiro à criminalidade teve início na onda de arrastões do início dos anos 1990 e se



estendeu com a guerra ao tráfico. A mídia teve papel significativo na construção da imagem marginalizada dos funkeiros e do baile funk, por meio da associação da imagem do jovem negro favelado à criminalidade. A linguagem do funk dava sentido à realidade vivida na favela, levando visibilidade para fora das barreiras físicas e simbólicas que constituem o território carioca (LOPES e FACINA, 2012).

*Parapapapapapapapapa*

*Parapapapapapapapapa*

*Papara-papara-papara-claque-bum*

*Parapapapapapapapapa*

*Morro do Dendê é ruim de invadir*

*Nós, com os Alemão, vamos se divertir*

*Porque no Dendê eu vou dizer como é que é*

*Lá não tem mole, nem prà DRE*

*Pra subir aqui no morro até o BOPE treme*

*Não tem mole prò Exército Civil nem prà PM*

*Eu dou o maior conceito para os amigos meus*

*Mas Morro do Dendê também é terra de Deus*

Francisco De Assis Mota Junior, Leonardo Pereira

Mota, Serdar Ortac. RAP das Armas: 2013

O Funk é um meio de comunicação popular, que utiliza da linguagem da periferia para expressar realidades, servindo como diversão e arte. No episódio cinco do podcast No Passinho do Funk, produzido pelo Spotify e Kondzilla, o tema criminalização do funk é abordado por Mc Leonardo e o DJ Baphafinha, que possuem 25 anos de experiência no funk. No diálogo, os funkeiros discutem o racismo e a perseguição ao movimento cultural, e como a imagem negativa do baile funk dificulta os fluxos de trabalho na comunidade. Como conta o Mc, a imagem do baile funk deixou de ser movimento cultural e passou a significar reunião de traficantes para o estado. A marginalização do funk perdura até hoje por conta da continua associação às periferias e aos jovens negros, e isso vem de uma exigência do estado de passar os problemas da sociedade para um grupo da população.

## 2.5 A valorização do Hip Hop e do Funk

[...] a valorização dessas “culturas de periferia”, como parte da produção de um novo regime discursivo, busca promover o “encontro”, cada vez mais intensificado, do centro com a periferia, da favela com o asfalto (TAKEITI e VICENTIN, 2019, p.260).

O Hip Hop e o Funk Carioca se conectam pela relação com a periferia. Tratam-se de movimentos culturais coletivos que agregam manifestações artísticas para retratar o cotidiano e a vida urbana de pessoas marginalizadas. Os movimentos permitem a construção de territórios existenciais, no sentido de cruzarem o espaço da periferia e promoverem uma sensação de pertencimento e identidade com o território. Por meio da música, do grafite, da dança, esses movimentos contestam as realidades da periferia, a opressão e a segregação dos corpos pretos na cidade (TAKEITI e VICENTIN, 2019).

Esses movimentos se opõem ao apagamento da identidade africana no período da escravidão, e às perseguições às culturas periféricas. Eles surgem a partir da necessidade de as pessoas marginalizadas se sentirem pertencentes a um espaço e de se conectarem para resistirem à criminalização e à vulnerabilidade de viver na periferia. A cultura nesses territórios periféricos promove o protagonismo das pessoas periféricas, a elevação da autoestima e a conquista da cidadania (TOMMASI, 2013, p. 34).

Pensar na valorização das culturas periféricas, como Hip Hop e o Funk, não engloba apenas os movimentos culturais em si, mas como também as individualidades das pessoas que formam os territórios periféricos. As manifestações culturais na periferia promovem a inclusão e o engajamento político (TAKEITI e VICENTIN, 2019), visto que além de expandirem a imagem real da periferia para outros territórios, servem como resistência às opressões políticas e a criminalização. A valorização da cultura da periferia é necessária para que se possa livrar a imagem da negritude da criminalização.

### 3. O projeto

Compreendendo as questões raciais e territoriais levantadas durante a pesquisa, foram levantadas algumas reflexões que englobam a relação dos povos racializados com identificação ao espaço. O apagamento das raízes africanas e a constante tentativa de marginalização dos corpos pretos resultaram em uma sociedade desigual e com um discurso de negritude raso. Para o projeto busquei contemplos como o entendimento coletivo das ações culturais dos negros no Brasil poderia influenciar na identificação pessoal e consequentemente na autoestima de pessoas pretas.

Devido à segregação espacial no Rio de Janeiro, há uma concentração maior de pessoas pretas em territórios periféricos do que centrais, assim sendo, a cultura negra carioca e brasileira têm um caráter periférico.

Levando em consideração o objetivo principal da pesquisa, de utilizar a cultura como uma ferramenta de construção de um discurso racial firme e de conectar mais pessoas pretas à sua própria negritude, passei para a próxima etapa do projeto de entender o impacto das individualidades de pessoas pretas no senso coletivo. Para isso, utilizei, como método de levantamento de dados primários qualitativo, o grupo focal, que selecionou como amostra indivíduos da faixa etária de 15 a 20 anos a que o projeto se destina. Em seguida foi feito um questionário online também direcionado ao público-alvo do projeto de forma a levantar dados de forma quantitativa para validar algumas hipóteses. A partir do grupo focal e do questionário, que serão apresentados a seguir, foi possível chegar ao escopo final do projeto.

#### 3.2 Grupo Focal

No dia 16 de setembro de 2021, foi realizado um grupo focal, com propósito direcionar os objetivos do projeto. Durante duas horas e quatro minutos, conversei, por meio da plataforma Google Meet, com seis jovens adultos pretos residentes da cidade do Rio de Janeiro. Para o grupo foram escolhidas pessoas de diferentes origens e realidades sociais e econômicas. Essas pessoas foram: Lobo, 25 anos, graduanda em Comunicação Visual Design na UFRJ,

que mora atualmente em Irajá; Alves, 23 anos, graduando em Arquitetura e Urbanismo na PUC-Rio, que mora atualmente em Olaria; Silva, 28 anos, graduando em Comunicação Visual Design na UFRJ, que trabalha com produção audiovisual e mora atualmente na Praça Seca; Fronry, de 27 anos, graduando em Design de Produto na UFRJ, que mora atualmente na Praça Seca; Lopes, 30 anos, formado em Pintura pela UFRJ, que mora atualmente na Abolição; Prado, 25 anos, graduanda em Design de Produto na UFRJ, que mora atualmente em Irajá.

Para o roteiro semi-estruturado, separei em quatro etapas que abordam o entendimento das realidades de cada participantes até o assunto em comum que se liga ao projeto.

Na primeira etapa busquei entender as relações de cada um com os bairros em que vivem e em que já viveram. Ao abordar sobre o conceito de periferia, percebi que ainda há confusão sobre quais bairros são considerados periféricos. A maioria descreveu que não se identifica com o bairro em que vive, apenas o Lopes que mora desde pequeno na Abolição. Lobo e Prado descreveram seus respectivos bairros apenas como dormitórios, pois não possuem relações de lazer com o bairro. Muitos disseram que a violência nas ruas influencia muito nessas relações com os espaços. Fronry retratou que quando morava em favela sentia pertencimento e se identificava com as pessoas, mas ao mesmo tempo temia a violência. Já Alves, que morou na favela 257 no Humaitá, descreveu-a como um ambiente de colaboração e união, já que essa comunidade não era um local violento. Alguns descreveram a escola como um espaço que estimulava as relações de desigualdade, principalmente raciais. Fronry disse que percebia dentro da escola diferenças de tratamento entre os alunos pretos e brancos. “A escola pra mim, foi um presídio total, completamente segregado...” citou ele, ao falar de como o preconceito e a desigualdade, dentro do ambiente escolar, influenciaram a sua eterna sensação de deslocamento. Vale ressaltar que todos relataram um número menor de pretos dentro da escola, o que leva ao questionamento de onde estão esses jovens.

Ainda durante a primeira etapa, o bairro de Madureira foi citado como um espaço com que todos se identificam. Segundo Alves, é um bairro que gera autoestima pela valorização da cultura e da negritude. A necessidade de estar perto de pessoas iguais em aparência e atitude são os principais pontos em relação ao bairro. Mas por mais que Madureira gere essa identificação, os entrevistados dizem que provavelmente a sensação de deslocamento será eterna, sem importar o espaço em que ocupem. Foi expressando um sentimento de que

mesmo que se mudem para um ambiente sem violência e sem abandono, ainda sofrerão pelo racismo.

Na segunda etapa, a entrevista abordou o tema da desigualdade social e racial como influenciadoras da sensação de deslocamento em relação ao território. Foi unânime entre os entrevistados que existe uma desigualdade visível entre Centro e Periferia. Lopes descreveu como se fosse uma realidade paralela em que dois ambientes totalmente diferentes ocupam a mesma cidade: O subúrbio/periferia mais abandonado por governantes, com maioria da população preta e um centro com maior infraestrutura e maioria de moradores brancos. A desigualdade durante o crescimento foi um fator grave para a sensação de deslocamento. Alves, que estuda na zona sul e mora na zona norte, contou que sempre que ele se desloca para a faculdade parece que está indo para outro mundo. Também foi relatado que a identificação com a negritude começou no final do colegial e no início da faculdade, quando estiveram mais em contatos com vivências e pessoas pretas.

A valorização da cultura para identificação com o espaço foi o tema da terceira etapa da entrevista. “Madureira era meu reduto... É um lugar onde você vê pretos felizes, assim.. com a autoestima lá no alto” disse Lopes, ao falar dos espaços com que se identifica. Para ele, a sensação de pertencimento ao bairro vinha da valorização da cultura afro-brasileira. Nessa etapa comecei a entender que não bastava a valorização, pois o contato com outras pessoas pretas também são muito importantes para construção da autoestima. A sensação de vergonha das próprias origens foi estimulada dentro da sociedade brasileira, concordaram os participantes do grupo focal. “E é uma coisa que não é estimulada na gente, a gente ter orgulho da nossa localização, da nossa família, da nossa história” confirmou o Alves. A necessidade de as histórias serem contadas por pessoas que vivem a realidade foi pontuada como uma proposta de solução para desconstruir a visão sobre as áreas periféricas e as culturas afro-brasileiras. Silva comentou como as novelas e minisséries da TV Aberta colocam a imagem da pessoa periférica de forma muito estereotipada que não condiz com a realidade.

Sobre as pessoas que vivem e circulam por Madureira, Prado disse: “Eles são a história, né?”, reforçando a importância do protagonismo preto nesses espaços. Durante essa etapa também foi importante entender a relação dos ritmos musicais afro-brasileiros com a sensação de

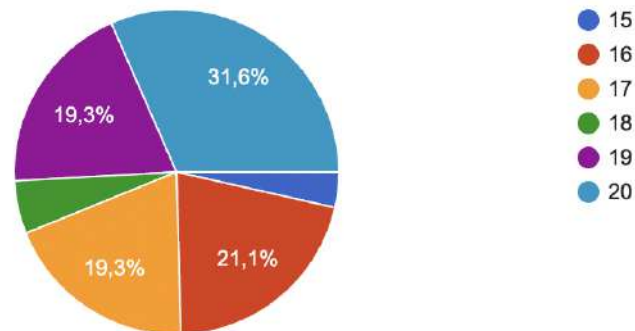
pertencimento e o porquê de existir a perseguição a eles, sob o ponto de vista dos entrevistados. O samba, o rap e o funk foram os mais citados na conversa como estilos que ainda sofrem muita perseguição. Silva pontuou que a repressão a eles vem de uma necessidade de os governantes escolherem um grupo específico para colocar a culpa dos problemas da sociedade. Segundo Silva, o funk apenas reflete a sociedade. Lobo acrescentou que o funk ainda sofre muito preconceito, porque ainda não foi totalmente embranquecido. Para ela, o racismo utiliza da perseguição e criminalização das culturas a fim de manter os grupos racializados segregados entre si, visto que separados é mais fácil serem explorados. Lopes completou dizendo que as pessoas pretas estão cada vez mais conscientes e que provavelmente o funk nunca será embranquecido.

Concluindo o grupo focal, ficou clara a necessidade de espaços de exaltação da cultura afro-brasileira para que pessoas pretas se identifiquem com o espaço. No final da conversa todos pontuaram a importância da música na vida e como foi importante na identificação pessoal.

### 3.3 Questionário

Para entender melhor como os adolescentes pretos cariocas se identificavam com os espaços físicos e digitais, realizei um questionário online anônimo que foi aplicado do dia 5 ao 13 de outubro de 2021. Percebi também, a partir do grupo focal, a importância dos diálogos de negritude durante a adolescência: todos os entrevistados comentaram que só reconheceram a negritude depois dos 17 e 18 anos. Por conta disso, a faixa etária escolhida foi de 15 a 20 anos, uma fase final da adolescência para vida adulta, em que o jovem ainda está se encontrando dentro da sociedade. Foi constatado também que, além de abordar sobre cultura, ainda é importante construir territórios para que pessoas pretas troquem vivências. O formulário foi divulgado em redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e What's App.

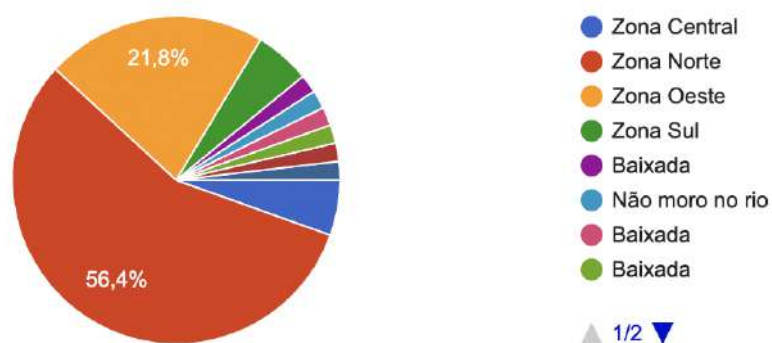
Gráfico por idade



Fonte: Acervo pessoal

Aproximadamente 60 pessoas pretas participaram da pesquisa, dentre elas 31,6% com 20 anos e 49,2% estão entre 15 e 18 anos. Desses jovens 67,2% moram na Zona Norte, 21,8% na Zona Oeste, 5,5% na Zona Central e 5,5% na Zona Sul.

Gráfico por região

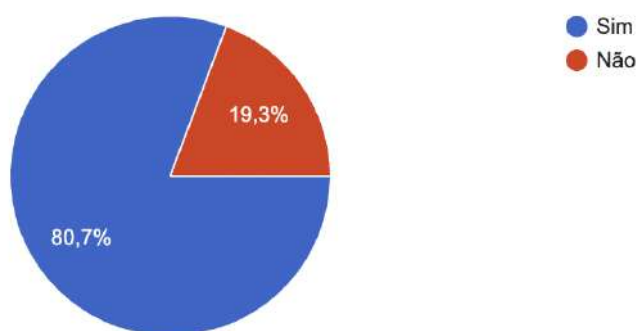


Fonte: Acervo pessoal

80,7% disseram frequentar espaços de lazer dentro da própria região, sendo que os que moram na Zona Central e Sul apenas buscam dentro das próprias regiões. Das regiões que buscam mais lazer, a Norte ficou em primeiro com 50%, o que pode ser efeito das

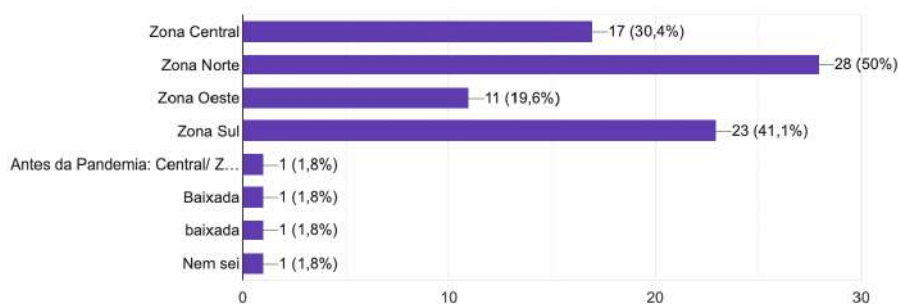
dificuldades de deslocamento pela cidade. A Região Sul ficou em segundo com 41,1%, Central em terceiro com 30,4% e Oeste em quarto com 19,6%. Dos espaços mais frequentados pelos adolescentes, o cinema ficou em primeiro com 66,7%, seguido de praias (57,9%) e parques (54,4%).

Gráfico: Frequenta espaços de Lazer dentro da sua região?



Fonte: Acervo pessoal

Gráfico: Quais regiões mais busca lazer?



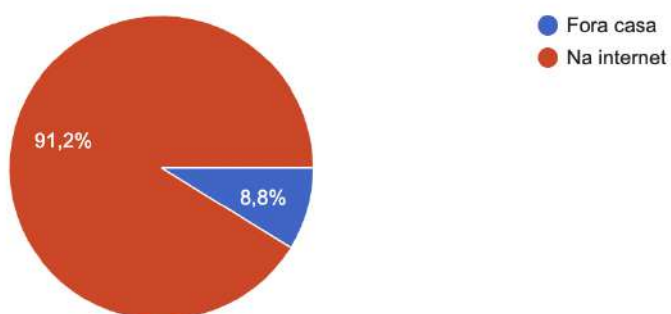
Fonte: Acervo pessoal

No formulário também foi relevante compreender os impactos do COVID-19 no tempo que esses indivíduos passavam na internet. Atualmente, 91,2% passam mais tempo na internet e antes do lockdown 59,6% passavam mais tempo fora de casa. A internet pode ser usada para gerar impacto positivo quando é feita uma mediação. Considerando que raça e classe andam juntos no Brasil, a grande maioria das crianças preta não passam por uma mediação, porque



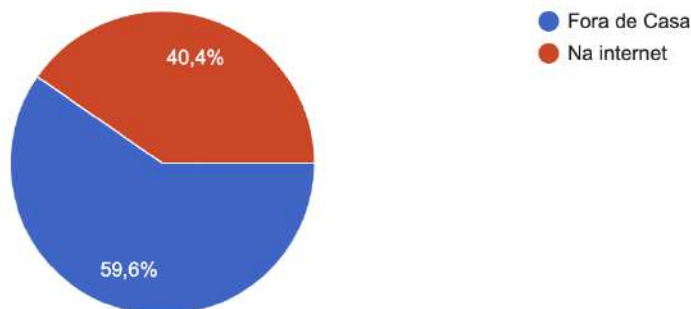
os familiares precisam trabalhar, isso gera um uso abusivo das redes e uma superexposição a conteúdos muito distantes da realidade periférica.

Gráfico: Atualmente, você passa mais tempo fora de casa ou na internet?



Fonte: Acervo pessoal

Gráfico: Atualmente, você passa mais tempo fora de casa ou na internet?

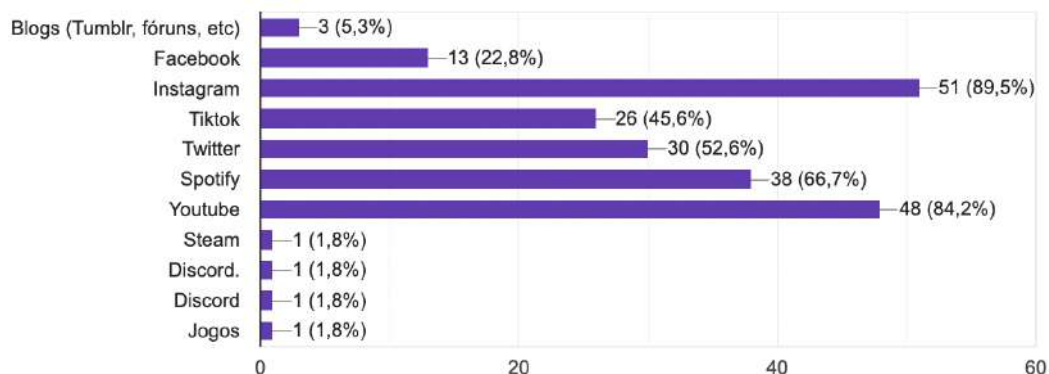


Fonte: Acervo pessoal

Por mais que o número de antes da pandemia seja maioria, indica que havia uma tendência da geração Z de ficar cada vez mais dependente do mundo digital e o COVID-19 apenas acelerou mais esse processo. Das redes sociais mais usadas o Instagram ficou na frente com 89,5%, seguido do Twitter com 52,6% e TikTok com 45,6%. A grande maioria acredita que

as redes sociais escolhidas são importantes para conectar pessoas e utiliza as mesmas para obter acesso a conteúdos de cultura.

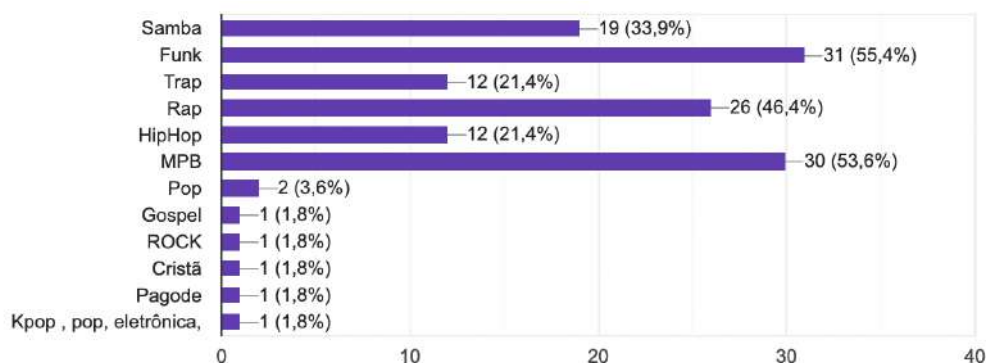
Gráfico: Na internet, quais plataformas você mais utiliza para entretenimento?



Fonte: Acervo pessoal

Dos estilos musicais afro-brasileiros mais ouvidos pelos adolescentes, se destaca o Funk com 55,4%, o Rap/Hip Hop com 40,4% e o Samba com 33,9%. A maioria afirma que a valorização dos estilos musicais e culturais afro brasileiros é algo positivo para jovens pretos.

Gráfico: Dos estilos musicais brasileiros, quais você se identifica mais?



Fonte: Acervo pessoal

A conclusão do questionário foi importante para entender que a internet está cada dia mais presente na vida desses jovens, a pandemia do COVID-19 teve força em aumentar a velocidade deste processo. E agora a preocupação maior deve ser em educar e criar espaços seguros para esses jovens na internet. Apesar do Facebook ser a maior rede social do mundo, com 2,7 bilhões de contas ativas no mundo<sup>5</sup>, o Instagram é a mais usada entre os adolescentes entrevistados. O funk se destacou como o ritmo musical mais escutado. O movimento surgiu no Brasil, em 1989, e evoluiu muito durante os anos 2000, época em que os jovens entrevistados cresceram. O rap/hip hop também se destacou na pesquisa, e, assim como o funk, é um movimento cultural e musical mais recente. Todos os entrevistados acreditam que a valorização das culturas afro-brasileiras são importantes para identificação de jovens pretos.

### 3.4 Definição da proposta

O grupo focal e o questionário foram responsáveis para chegar ao escopo final do projeto. A partir deles compreendi quais seriam os próximos passos. O grupo focal reforçou a necessidade de se falar de negritude antes da vida adulta e como isso afeta na identificação com a cor da pele durante a vida. Na entrevista, o bairro de Madureira se destacou pela forma como abrange a cultura periférica dentro da própria periferia, além disso a sua concentração de individualidades diversas intensifica a sensação de identificação. Definido o público alvo no grupo focal, jovens negros entre 15 e 20 anos, o questionário foi essencial para entender como esses jovens utilizavam as redes sociais e validar alguns insights levantados na pesquisa teórica.

Com o questionário online consegui definir um formato para o projeto e os temas principais que seriam abordados. Além da relevância de valorizar a cultura periférica, também se destacou como a pandemia afetou a relação com o mundo digital desses jovens. O lockdown acelerou o processo do aumento do uso da internet no dia a dia, e com isso a importância de tornar esses espaços digitais mais diversos. O questionário também destacou o Hip Hop como um dos ritmos mais escutados pelos adolescentes entrevistados.

---

<sup>5</sup> Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2021, com insights e materiais gratuitos. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em dia mês 2022.

Concluindo, o projeto em questão se define como uma ocupação digital da periferia, a partir da valorização da cultura, buscando expandir e desmistificar a visão sobre as regiões periféricas cariocas, além de construir um espaço seguro para jovens pretos. Com foco na faixa etária de 15 a 20 anos, esse trabalho de conclusão de curso se apropria dos movimentos culturais, Hip Hop e Funk, para dar destaque à história afro brasileira e à cultura como resistência dentro das regiões periféricas, e com isso estimular consciência sobre a própria negritude desses jovens.

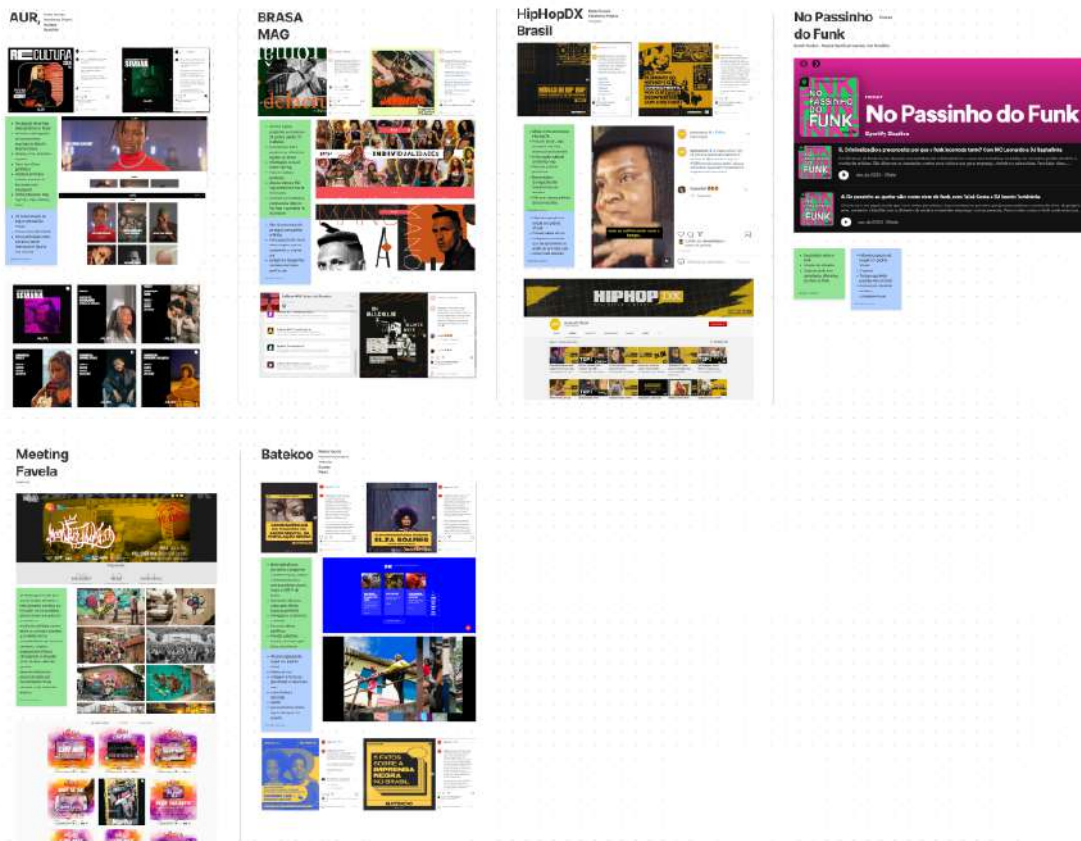
### 3.5 Pesquisa de referências

Definido o escopo, o projeto evolui para os estudos de referências de conteúdo. Nesse estudo foram selecionados seis projetos que compreendiam site, eventos, redes sociais e podcasts, com finalidade de chegar a uma definição de tipo de comunicação e plataforma. Na busca de se fazer uma análise comparativa dos projetos, foram analisadas semelhanças e diferenças que foram esboçadas em um mapa mental com anotações de insights<sup>6</sup> que eram percebidos no decorrer dos estudos.

#### Mapa de referências

---

<sup>6</sup> é um substantivo com origem no idioma inglês e que significa compreensão súbita de alguma coisa ou determinada situação. <https://www.significados.com.br/insight/>



Fonte: Acervo pessoal

Aur: perfil do Instagram



Fonte: AUR

Aur foi a primeira proposta digital analisada, dentre perfis em mídias. Como instagram e youtube, eles também possuem plataforma própria e newsletter. Nesses espaços digitais divulgam artistas emergentes, reviews e lançamento de músicas nacionais e internacionais, com focos nos estilos musicais Rap, HipHop, Trap, Samba e Funk. Nas redes contemplam também um espaço para que artistas possam se inscrever para serem divulgados no perfil do Instagram. No visual, utilizam uma paleta preta e branca, sem grafismos, com foco no destaque para as fotografias de pessoas.

#### BRAZA MAG: perfil do Instagram



Fonte: BRAZA MAG

A Braza Mag é uma revista digital composta por 26 pretos, compreendendo 25 mulheres de diferentes regiões do Brasil. Por meio de instagram, plataforma própria e podcast, aborda temas históricos e atuais da cultura periférica, focando no hip hop nacional e internacional. Na estética não se preocupam muito com uma linha visual, utilizam colagem digital e composições tipográficas.

#### Hip Hop DX Brasil: Perfil no Instagram



Fonte: Hip Hop DX Brasil

O Hip Hop DX Brasil vem da mídia norte americana Hip Hop DX, com foco na cultura do hip hop nacional. Por meio do instagram, plataforma própria e youtube geram conteúdos de entrevistas, divulgação de lançamentos musicais e informações sobre o cenário do hip hop. Possuem uma identidade visual bem definida, tipografia definida e paleta de cor, no perfil mesclam composições tipográficas com fotografia.

#### Podcast No Passinho do Funk



Fonte: Spotify Studios

No Passinho do Funk foi uma série de seis episódios em formato podcast produzida pela KondZilla na plataforma Spotify. A série explora, a partir de debates, a origem, a importância cultural e a criminalização do Funk Carioca. Cada episódio é apresentado por Taísa Machado e DJ Shavozo e tem convidados diferentes que atuam no meio do funk. No visual prevalece cores fortes, textura e tipografia estourada como padronagem no funk.

#### Meeting in Favela



Fonte: Meeting in Favela

O Meeting Favela é um evento que é um movimento, nascido do sonho coletivo de quatro grafiteiros da velha guarda carioca – Carlos Bobi, André KajaMan, Marcio Bunys e Wesley

Combone e tem como função levar a valorização da cultura para dentro da comunidade, inserindo os jovens no universo cultural e artístico. O projeto utiliza para a divulgação as redes sociais facebook e instagram, e também uma plataforma própria. A estética visual adotada foca em transmitir os visuais do grafite, através da tipografia e da textura que imita a pintura.

Batekoo: perfil Instagram



Fonte: Batekoo

O Batekoo é uma plataforma que surgiu com o objetivo de proporcionar entretenimento, cultura e informação para a comunidade urbana, preta e LGBT+ do Brasil. Nascido em Salvador no ano de 2014, o projeto se desdobra por plataforma própria, redes sociais e eventos, compartilhando conteúdos que falam de cultura e negritude. Possuem uma identidade visual muito bem definida, com paleta de cor e tipografia seguindo um padrão.

Por mais que alguns dos projetos analisados estejam distantes uns dos outros, certos pontos foram necessários para uma comparação: o uso das redes sociais como espaço de comunicação rápida, por exemplo, esteve presente em cada um. Dos tópicos principais levantados, os conteúdos que ficaram em destaque foram: informação, divulgação e diálogo. Os conteúdos de informação retratam notícias do dia a dia da cultura periférica e conteúdos históricos; os de divulgação abrem artistas consagrados e iniciantes, músicas novas ou em alta, e eventos; os de diálogo vão de entrevistas a rodas de debate. As linguagens utilizadas pelos projetos também são semelhantes, usufruem de comunicação mais acessível e mais próxima do público jovem.



### 3.6 Definição de conteúdos

Para chegar a uma definição de conteúdos que serão veiculados nas plataformas do projeto, foram estabelecidos tópicos de direcionamento a partir do estudo de referências, que serviram para manter uma constância nos assuntos que serão tratados futuramente. Assim sendo, os tópicos gerais são: conteúdo de divulgação, histórico, diálogo e informação.

Conteúdos	
Eventos	Divulgação
Galeria preta	Divulgação
Músicas em Alta	Divulgação
História do Funk	Histórico
História do Hip Hop	Histórico
Entrevistas	Diálogo
Rádio periferia	Informação

Pensando no propósito de criar não só um espaço seguro para a comunidade jovem preta e periférica, mas também permitir que arte preta possa ser valorizada, os conteúdos de divulgação ficaram divididos em:

- Eventos: projetos fora das redes sociais com caráter cultural voltado para a periferia;
- Galeria preta: uma galeria digital composta por artista que se candidatem em um formulário online. O objetivo é que não seja necessário uma seleção de artistas e sim que qualquer pessoa que se considere artista se inscreva. A galeria também traz uma visão sobre o artista e sua obra, e como se conectam com a negritude e o ambiente periférico;
- Músicas em alta: por meio de um perfil no Spotify, músicas do universo do funk e hip hop serão selecionadas de acordo com o Spotify Chart, uma plataforma de análise diária da músicas mais ouvidas em cada país.

O apagamento e as perseguições às manifestações culturais periféricas do passado fizeram com que no atual presente exista a necessidade de valorizar e dar espaço para as histórias que foram apagadas. Portanto, o conteúdo com foco histórico busca a conexão da história da

cultura periférica, com foco no funk e no hip hop, junto à história brasileira. Conectando sempre com os dias atuais, os conteúdos históricos abrangem a história em si e as personalidade que a compõem, como, por exemplo, Tati Quebra Barraco e o feminismo para mulher preta periférica.

O conteúdo de diálogo tem como foco entrevistas com pessoas que tenham vivência e experiência de cultura, periferia e negritude. Essas pessoas, estudiosos, artistas e produtores culturais são convidados para compartilhar experiências do mercado cultural.

A Rádio Periferia compõe o conteúdo de informação, servindo como um espaço em que as notícias e as atividades culturais da periferia sejam compartilhadas. Essas atividades culturais vão de eventos a programas sociais de incentivo à cultura.

### 3.7 Naming

*Você quer sair do gueto  
Mais a sua mente é o gueto  
Você quer fugir do gueto  
Mais o mundo inteiro é o gueto*  
MARCELO D2. Gueto: 2006

Do italiano, gueto é uma região onde pessoas de determinada etnia ou grupo minoritário vivem. Após a II Guerra, o termo passou a se referir aos grupos afro-americanos que eram desprezados quando migravam para os centros industriais do Norte dos EUA.<sup>7</sup> Por meio da música o termo tem sido ressignificado como um espaço de união dos grupos periféricos. Pensando nisso, o nome Gueto para o projeto contempla o propósito de criar um espaço virtual seguro para jovens pretos, grupo bastante marginalizado, trazendo para dentro desse espaço a valorização da cultura.

---

<sup>7</sup> Revista Sociologia e Política. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782004000200014>. Acesso 22/04/2022.

### 3.8 Planejamento

Compreendendo os tipos de conteúdos definidos, o planejamento foi elaborado a partir de uma base, que contempla os tipos de comunicação para cada dia da semana. Os assuntos ficaram divididos em duas semanas que se alternam. Os conteúdos de divulgação, que são de alta demanda, se repetem três vezes na semana. Já o histórico, a cada semana, alternam entre funk ou hip hop. Para informação e diálogo foi importante compreender a necessidade de ter mais tempo para estruturar os conteúdos, por isso estão se alternando em duas semanas.

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
DIVULGAÇÃO	HISTÓRICO FUNK	INFORMAÇÃO	DIVULGAÇÃO	DIVULGAÇÃO	-----	-----

Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
DIVULGAÇÃO	HISTÓRICO HIP HOP	DIÁLOGO	DIVULGAÇÃO	DIVULGAÇÃO	-----	-----

Foi necessário criar um conteúdo zero, em que pudesse apresentar o projeto e os objetivos. Sendo assim, a semana zero é composta por três conteúdos: 1) sobre o projeto, contexto geral e objetivos; 2) naming, texto introdutório sobre as intenções com o nome do projeto; 3) sobre a paleta de cor escolhida para o projeto e o contexto.

Semana 0						
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Sobre o Projeto	-----	Gueto - naming	-----	Sobre o Projeto	-----	-----
Texto explicando o contexto geral do projeto	-----	Definição do nome	-----	Cores e reapropriação do verde e amarelo	-----	

O formulário referente à galeria preta, que foi compartilhado nas redes sociais no dia 6 de abril, chegou a cinquenta inscrições em cinco dias. Isso fez com que ficasse claro que existe uma carência desses espaços de divulgação. Nesse sentido, a galeria preta aparece duas vezes na semana e as postagens seguem um nicho artístico.

Semana 1						
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Galeria preta	História do Funk	Rádio Periferia	Músicas em Alta	Eventos	Galeria preta	-----
Produção musical	Primeiro álbum de funk - Funk Brasil 1989	Projeto Estrada Cultural - Maré	<b>Spotify Charts</b>	Template para ser alterado semanalmente	Artes visuais	-----

Para iniciar o projeto foi definido um mês de conteúdos, focando em assuntos introdutórios sobre os temas para entender como será a reação do público alvo.

Semana 2						
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Galeria preta	História do Hip Hop	Entrevista	Músicas em Alta	Eventos	Galeria preta	-----
Fotografia	De Ny para o Brasil - Difusão do ritmo no brasil	Matheus Iéti, membro fundador da AUR	<b>Spotify Charts</b>	Template para ser alterado semanalmente	Teatro/ Dança	-----

Semana 3						
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Galeria preta	História do Funk	Rádio Periferia	Músicas em Alta	Eventos	Galeria preta	-----
Literatura	Tati Quebra Barraco e o discurso feminino dentro do funk	Os arteiros Cidade de Deus	<b>Spotify Charts</b>	Template para ser alterado semanalmente	Produção Audiovisual	-----

Semana 4						
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Galeria preta	História do Hip Hop	Entrevista	Músicas em Alta	Eventos	Galeria preta	-----
Produção musical	Papel do Rap na difusão do hip hop no Brasil	MC Carol para Vogue	<b>Spotify Charts</b>	Template para ser alterado semanalmente	Artes visuais	-----

### 3.9 Identidade Visual

#### 3.9.1 Visuais da Periferia

Para chegar na identidade visual do projeto foi feita uma análise dos visuais da periferia do Rio de Janeiro, que serviu para entender as cores, texturas e tipografias que se repetem. Por mais que não exista uma identidade que marque a periferia, a composição das imagens grafitadas e dos outdoors no cenário urbano geram um padrão de imagem.



Fonte: Google Maps

A análise considerou as composições tipográficas que aparecem em pinturas com sobreposições feitas à mão, as cores dos grafites nos muros em contraste ao cinza do asfalto.



Fonte: Google Maps

As imagens foram selecionadas de acordo com os bairros que compõem a Zona Norte. Foram reunidas em um grande mosaico, permitindo com que fossem identificadas semelhanças com mais facilidade. Partindo desse mosaico, o estudo se direcionou para a compreensão de como esses pontos visuais identificados na periferia são representados em um ambiente digital. Foram estudados alguns projetos de design em um moodboard final, que abrange colagem digital, texturas que remetem papel e parede, grafite e sobreposições tipográficas.



Fonte: Pinterest

### 3.9.2 Logotipo

O logotipo foi desenvolvido para expressar a ideia de força e união, portanto a tipografia escolhida para o seu desenho é mais pesada. O G e o O menos condensados provocam a sensação de que as letras do meio estão espremidas.

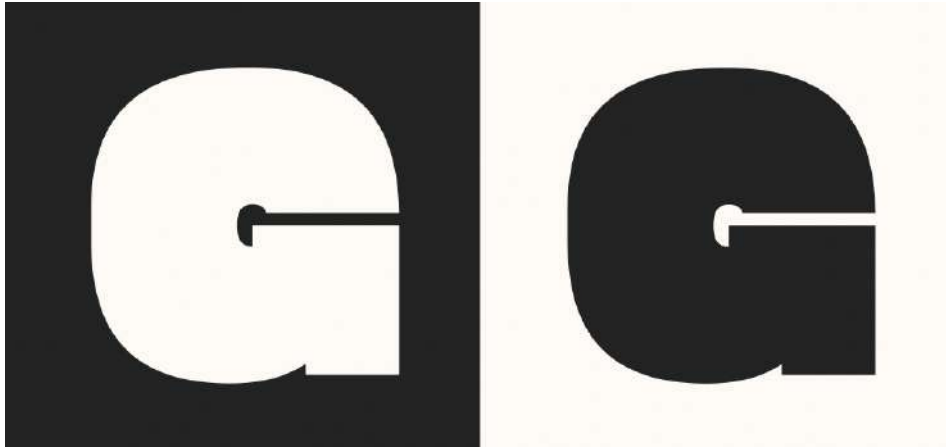
Logotipo Gueto



Fonte: Acervo Pessoal

O G do logotipo também pode ser utilizado como ícone, como está representado abaixo.

Ícone Gueto



Fonte: Acervo Pessoal

### 3.9.3 Tipografia

A Anton foi escolhida como tipografia principal, por conta do formato condensado e do peso, em contraponto com a segunda tipografia escolhida, a Chantal. O objetivo com as duas tipografias foi criar a estética da periferia de grafites e tipografias mais vernaculares, junto a uma fonte mais gráfica.

Tipografia

**ANTON**

**Aa Bb**

Fonte: Google Fonts

Tipografia

**CHANTAL**

**AA BB**



Fonte: Adobe Fonts

Na composição do site foi preciso uma terceira família tipográfica que fosse mais completa e mais voltada para uso em texto corrido, mas que também funcionasse com a tipografia Anton. Para isso foi escolhida a Helvetica Neue, que é uma versão da tipografia em que as letras estão mais estendidas na horizontal, o que junto com a Anton gera um contraste.

Tipografia

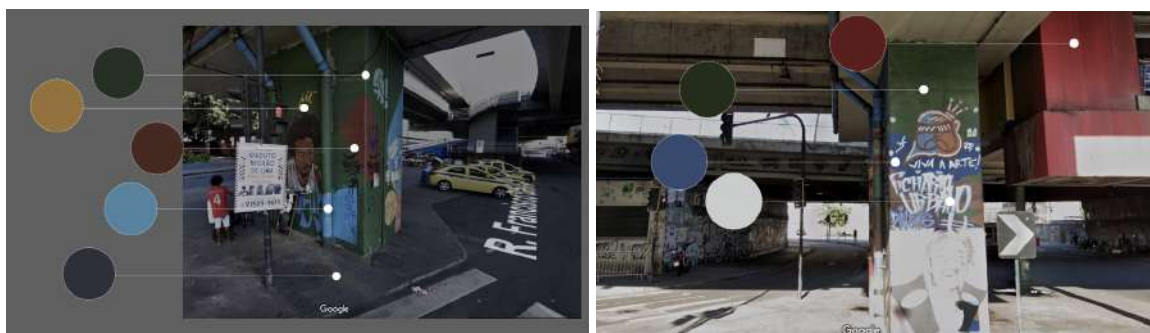
**Helvetica** Neue

**Aa** Bb

Fonte: Helvetica

### 3.9.4 Paleta de Cor

Para a escolha da paleta de cor foi desenvolvido um estudo também baseado nas cores da periferia, mas também pensando nas aplicações com fotografias. A partir de um levantamento de cores dos espaços periféricos, foi identificada uma predominância de amarelos, azuis, verdes e vermelhos. É difícil dizer o motivo dessas cores serem tão presentes, mas é possível observar como elas reagem ao reflexo com o cinza azulado do asfalto e a sombra, o que gera uma tonalidade mais terrosa.



Fonte: Acervo pessoal

Levando em conta que o projeto é direcionado para um ambiente digital, é necessário considerar as mudanças de tendências de estilos visuais, que vêm ocorrendo anualmente e cada vez mais rápido, e para uma marca a demanda por cores se torna cada vez maior. Logo a paleta de cor da marca foi pensada para funcionar em dois aspectos: as cores da logo, que geram uma identificação da marca; e as cores que compõem as aplicações da marca, como páginas do site e publicações nas redes sociais.

Com base no entendimento que o projeto Gueto fala sobre se apropriar de espaços com o objetivo de trazer a valorização da cultura periférica brasileira, a cores escolhidas para a logo são verde, amarelo, preto e branco. Nos últimos anos as cores predominantes da bandeira, verde e amarelo, vem sendo associadas a ideais de extrema direita. Porém com uma nova eleição presidencial se aproximando e um possível novo futuro para o país, muitos artistas e estudiosos têm buscado formas de se reapropriar das cores brasileiras. Como o Gueto fala de apropriação de espaços de diálogo, de trazer a cultura preta periférica como um símbolo da brasilidade, as cores escolhidas representam essa sensação. No entanto, essa aplicação de cores precisou ser feita com cautela: as cores verde e amarelo não serão apresentadas em conjunto, mas, por enquanto, irão aparecer sempre ao lado do preto e separadas.



Fonte: Acervo pessoal

As cores definidas para compor as aplicações da marca são mais coloridas, com tonalidades mais terrosas e vibrantes, e para apoiar todas essas cores uma seleção em escala de cinzas.

Paleta de cor



<b>9E71FF</b>	<b>1371C0</b>	<b>B2C9E1</b>	<b>C3CE29</b>	<b>F4879F</b>
<b>3E7C27</b>	<b>5F4A27</b>	<b>EB4634</b>	<b>EB811D</b>	<b>FDB41B</b>
<b>222323</b>	<b>5F4A27</b>	<b>999999</b>	<b>E2E2E2</b>	<b>FFFAF5</b>

Fonte: Acervo pessoal

As cores sendo mais variadas possibilitam composições mais interessantes e diversas, como representado abaixo.



Fonte: Acervo pessoal

Por mais que a paleta fosse extensa em casos como o da Galeria Preta, não tem como prever como serão as fotos enviadas pelos inscritos e se as cores irão funcionar. Nesse sentido foi adotado especialmente para essa parte do projeto um sistema de cor muito utilizado pela plataforma Spotify. O sistema analisa a fotografia e cria uma paleta de cor com base na imagem. No caso do Spotify é um sistema programado e para o Gueto será usado o site Adobe Color para gerar paletas automáticas a partir da imagem.

Spotify Wrapped 2018



Fonte: Spotify

Abaixo o teste realizado com uma das fotografias recebidas para a Galeria Preta.

Gueto: Galeria Preta



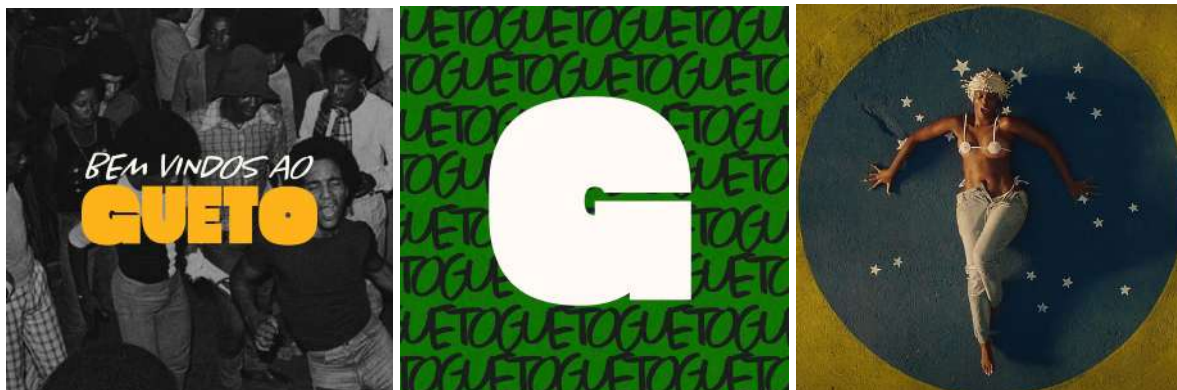
Fonte: Acervo pessoal

### 3.10 Aplicações

Considerando o planejamento de conteúdo, foram desenvolvidas peças gráficas digitais para site, Instagram e Spotify. Para apresentar essas peças começarei pelo Instagram:

### 3.10.1 Instagram: [instagram.com/gueto\\_preto](https://www.instagram.com/gueto_preto)

- Conteúdos iniciais: os três primeiros posts do instagram apresentam o projeto e os objetivos.



- Conteúdos que se repetem: Para facilitar os processos dos conteúdos que se repetem, música destaque da semana e lista de eventos, foram criados templates para que só se altere cor, texto e imagem.

Gueto: Templates Eventos





Fonte: Acervo pessoal

Gueto: Templates músicas destaques da semana



Fonte: Acervo pessoal

- Entrevistas: as peças contém informações sobre o entrevistado, e caso seja entrevista não realizada pelo projeto, a fonte da entrevista.

Gueto: Entrevistas



Fonte: Acervo pessoal

- Rádio Periferia: foi criado dois modelos de peças que trazem o nome do projeto em destaque, as outras informações estarão presentes na legenda da postagem.

Gueto: Rádio periferia



Fonte: Acervo pessoal

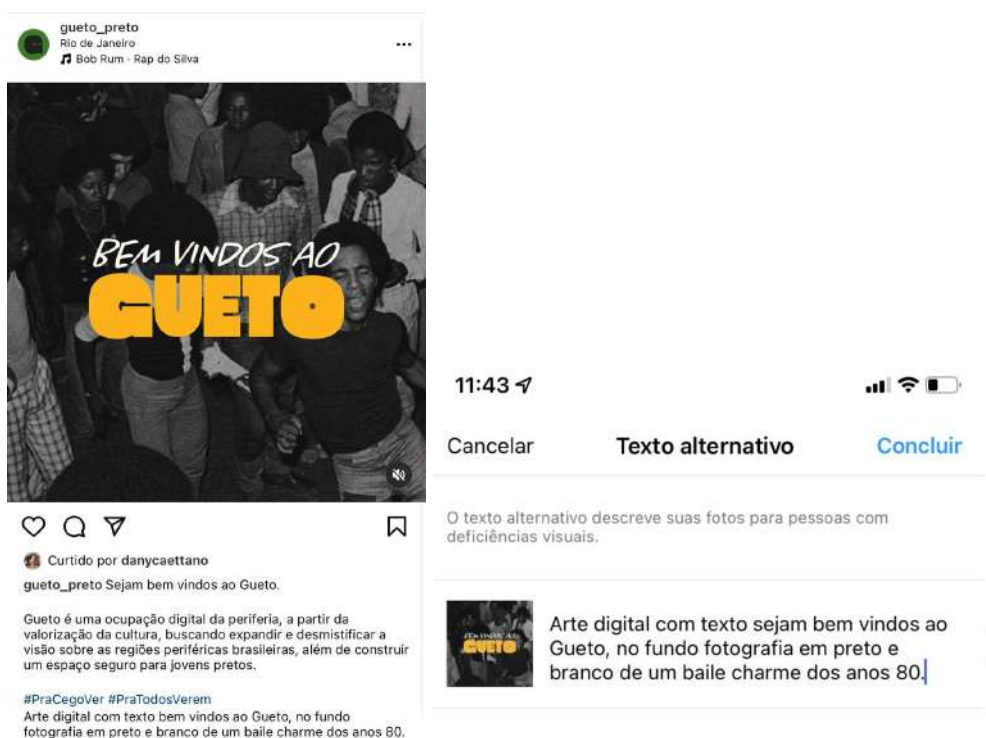
- Histórico Funk e Hip Hop: para os conteúdos históricos foram criados layouts que explorem mais a marca, com fotografias, tipografias e colagens.

Gueto: Histórico



Fonte: Acervo pessoal

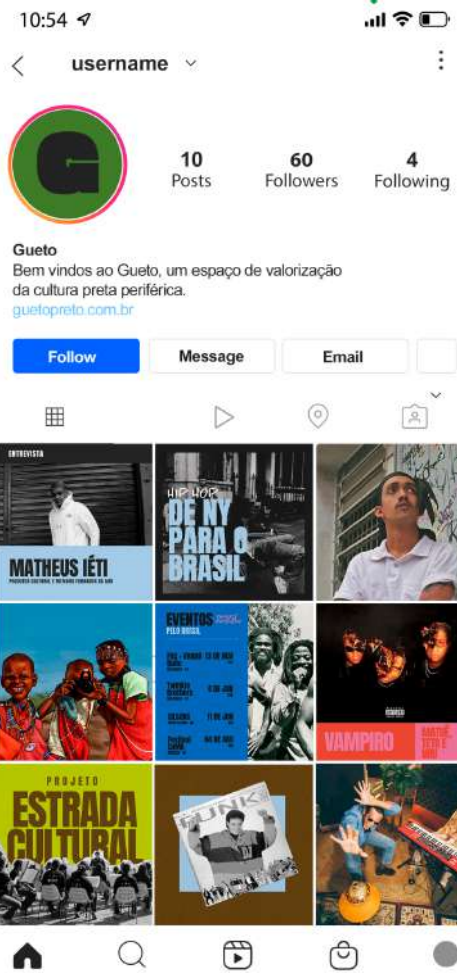
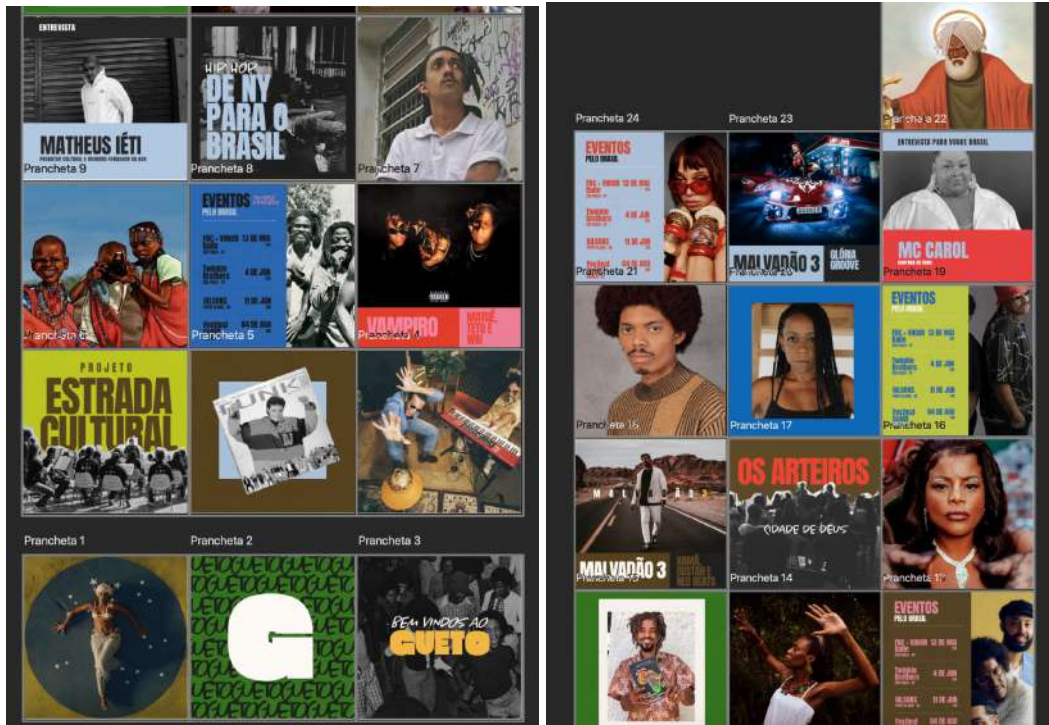
- Acessibilidade: postagem com texto alternativos para pessoas cegas e de baixa visão.



Fonte: Acervo pessoal

- Visão completa Instagram: imagem representativa do feed.

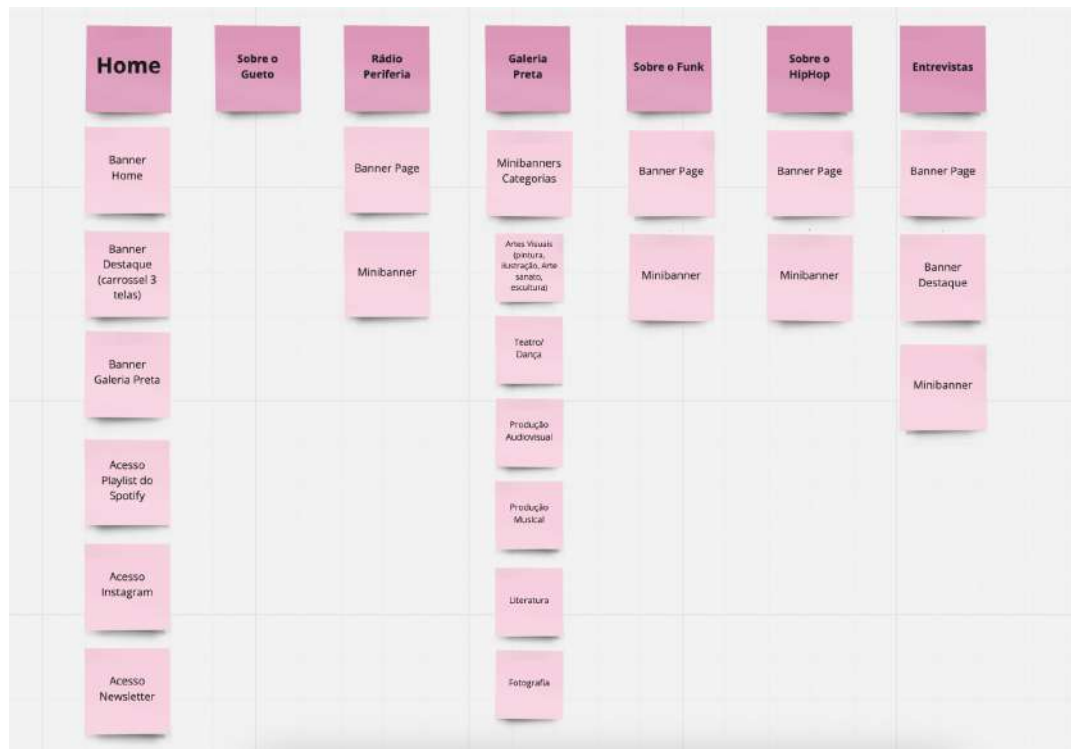




Fonte: Acervo pessoal

### 3.10.2 Site do Gueto: [www.guetopreto.com.br](http://www.guetopreto.com.br)

- Organograma do site: abaixo uma representação da arquitetura do site, mostrando as páginas em rosa escuro e as subpáginas em rosa claro.



- Banner de destaque: duas publicações recentes ou mais relevantes do site.

Gueto: home do site





Fonte: Acervo pessoal

- Destaque Galeria Preta: O destaque apresenta alguns dos artistas que estão fazendo parte da galeria.

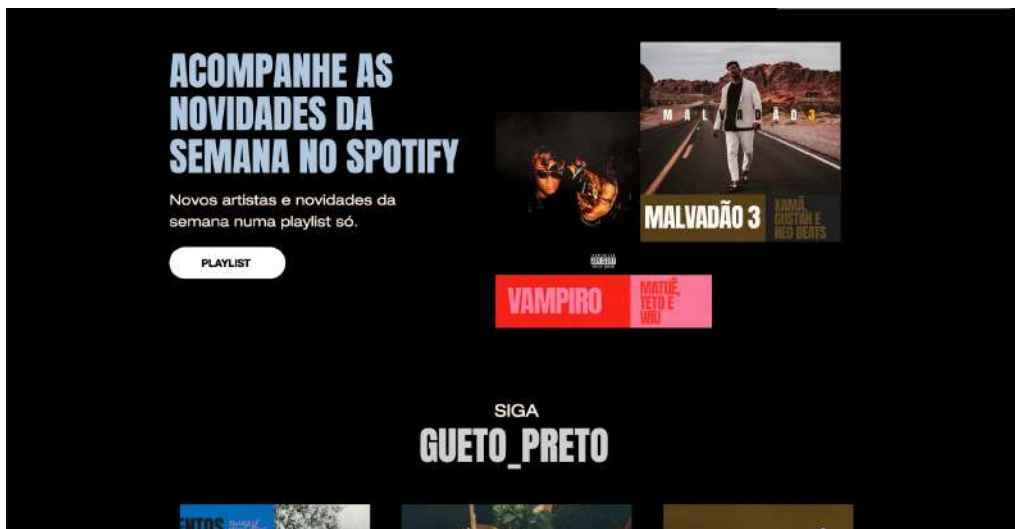
Gueto: home do site



Fonte: Acervo pessoal

- Acesso a playlist do spotify: botão de acesso a página do Spotify.

Gueto: home do site



Fonte: Acervo pessoal

- Acesso ao Instagram: imagens postadas recentemente com link de acesso para o instagram.



### 3.10.3 Playlist Spotify:

<https://open.spotify.com/playlist/4cd6lpzPKesovmIWv1l0qi?si=cba5c45cbf384277>

- Playlist semanal: playlist de atualização semanal com músicas de artistas de origem periférica.

The image shows a Spotify playlist interface. At the top, there is a red header with a playlist cover image on the left and the text 'PLAYLIST PÚBLICA' and 'Hits da Semana - Gueto' on the right. Below the title, it says 'Gueto Preto • 13 músicas, 38min 9s'. The main area is dark with a list of songs. At the bottom, there are playback controls including a play button, heart, download, and a search icon with the text 'Ordem personalizada'.

#	TÍTULO	ÁLBUM	ADICIONADO EM		
1	<b>Vampiro</b> Matuê, WIU, Teto	Vampiro	há 11 minutos	♥	4:10
2	<b>Desenrola Bate Joga de Ladi...</b> L7NNON, Os Hawaianos, DJ Bel...	Desenrola Bate Joga de Lad...	há 10 minutos		1:56
3	<b>Malvadão 3</b> Xamã, Gustah, Neo Beats	Malvadão 3	há 9 minutos		2:22
4	<b>Oi, Como Ce Tá?</b> Vulgo FK, Elenko Music, WEY, ...	Oi, Como Ce Tá?	há 9 minutos		2:36

## 4. Conclusão

Sem dúvidas de que esse projeto é o que eu mais me orgulho dentro da UFRJ, e uns dos que mexeu mais com meu emocional. Construir um projeto valorizando a cultura preta, não tem só a ver com minhas necessidades pessoais, mas também de amigos, pais e irmãos, que precisam se sentir valorizados. Durante os estudos busquei entender as individualidades de cada pessoa entrevistada, entender o que torna diferente, as individualidades que compõem o coletivo, por mais que esse projeto tenha foco em uma construção coletiva, pessoas pretas são diferentes e possuem subjetividades.

O resgate as memórias da escravidão, racismo estrutural e principalmente das estruturas sociais da África e das Américas antes da colonização foi complicado, por mais que esses assuntos sejam muito conversados, ainda são minoria no ambiente acadêmico. A necessidade de se falar de negritude e cultura afro-brasileira ainda é grande, o que justifica a necessidade deste trabalho de conclusão de curso. Esse trabalho exprime a ideia de brasilidade acompanhada de uma história africana, para que pessoas pretas possam se sentir parte da história não só pela escravidão.

O trabalho, ainda enquanto embrionário, já recebia muito feedbacks positivos e durante o processo foi cada vez mais sendo bem aceito. Foi confirmada também, a carência que existe de espaços de diálogo sobre negritude e sobre valorização da cultura preta periférica. A Galeria Preta durante a divulgação gerou um impacto muito positivo: muitas pessoas se inscreveram e muitas outras elogiaram a iniciativa.

Contemplando a multidisciplinaridade do design gráfico, o projeto uniu a pesquisa teórica, grupo focal e questionário, sendo possível chegar a uma identidade visual coerente ao tema. Através do estudos visuais e do desenvolvimento da comunicação visual, foi possível levar ao enaltecimento da cultura periférica dentro da Universidade Pública. Sendo assim, o trabalho de conclusão de curso Gueto permitiu que por meio do design gráfico fosse possível expandir o diálogo de cultura de classe para dentro da maior universidade do país a UFRJ.

## Bibliografia

GUEYE, Mansour. **Colonialism in Africa: A Revisionist Perspective**. Senegal: Africology - The Journal of Pan African Studies, vol.12, no.1, 2018.

THOMPSON, John. **Ideology and Modern Culture: Critical Social Theory in the Era of Mass Communication**. Cambridge, UK: 1990.

AMARAL, Aracy. **O modernismo brasileiro e o contexto cultural dos anos 20**. São Paulo: Revista USP, n.94, p.9-18, 2012.

MARCHANT, Alexander. **Do Escambo a Escravidão: As relações econômicas de portugueses e indígenas na colonização do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

CARVALHO, Flávia. **Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais**. Rio Grande do Norte: MNEME – Revista de Humanidades, 2010.

PELEGRINI, Carolina. **O Embranquecimento da Nação Miscigenada: A representação brasileira na feira internacional de Nova York, 1939-1940**. Brasília, 2014.

SANTOS, Milton. **O Dinheiro e o Território**. São Paulo, 1999.

AZEVEDO, André N. **A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana**. Rio de Janeiro: Revista Rio de Janeiro, 2003

BENCHIMOL, Jaime. **Pereira Passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca v.10, 1990

SOTO, William. **A cidade, o subúrbio e a periferia**. 2008

MENEZES, Louise. **Me ver pobre, preso ou morto já é cultural**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

VANNUCHI, Aldo. **Cultura Brasileira: O que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TAKEITI, Beatriz; VICENTIN, Maria. **Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais**. Rio de Janeiro: Fractal - Revista de Psicologia, v.31, p. 256-262, 2019.

FOCHI, Marcos. **Hip Hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social?** São Paulo: Facom, n.17, p.61-69, 2007.

LESSA, Juliana. **“De baile em baile”**. Uma história social do funk carioca (1989-2000). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2020.

MIZRAHI, Mylene. **A Institucionalização do Funk Carioca e a invenção criativa da cultura**. Paraná: Antítese, v.6, p.855-864, 2013.

LOPES, Adriana; FACINA, Adriana. **Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas**. Rio de Janeiro: Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n.6, p.193-206, 2012.

TOMMASI, Livia. **Culturas de periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político**. Santa Catarina: Política & Sociedade - Florianópolis, v,12, n.23, 20

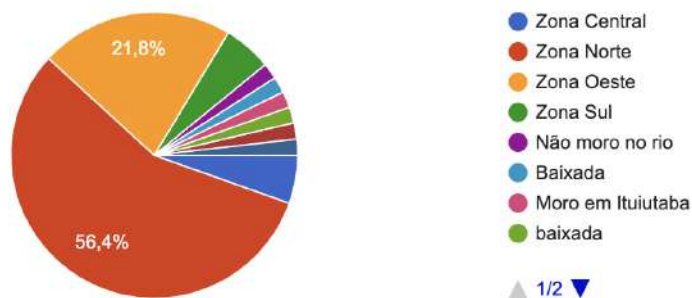


## Anexo

### Questionário

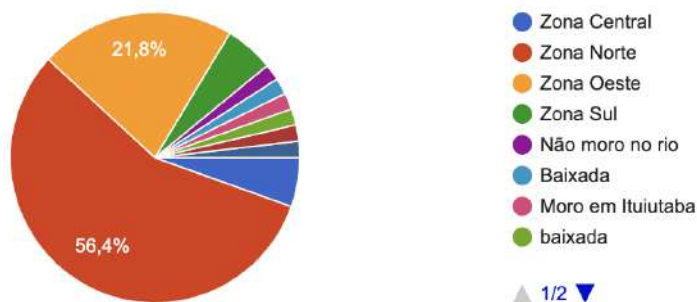
Em que zona da cidade do Rio de Janeiro você mora?

55 respostas



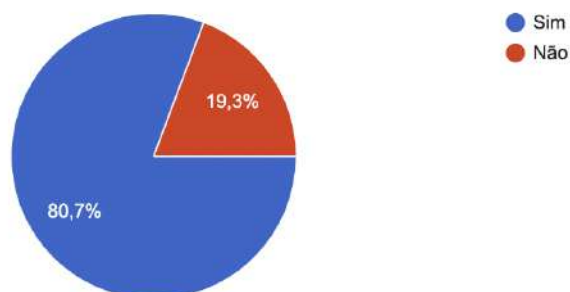
Em que zona da cidade do Rio de Janeiro você mora?

55 respostas



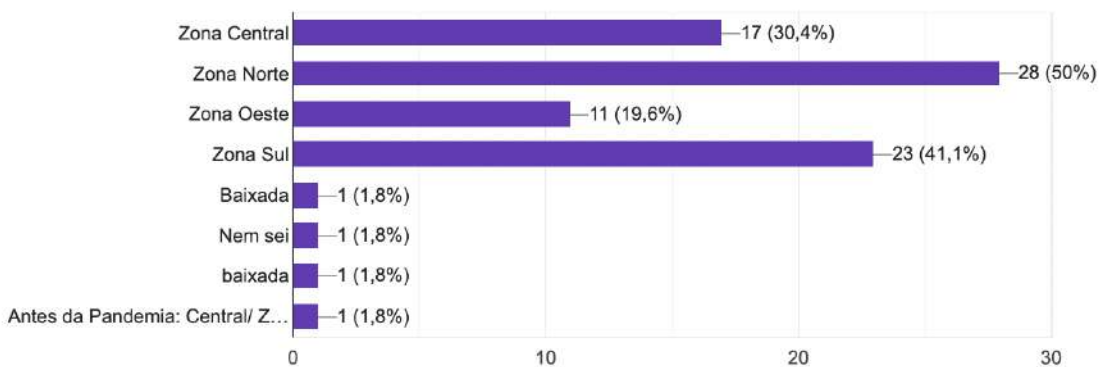
Frequenta espaços de Lazer dentro da sua região? (como parques, cinema, eventos musicais, museus, etc)

57 respostas



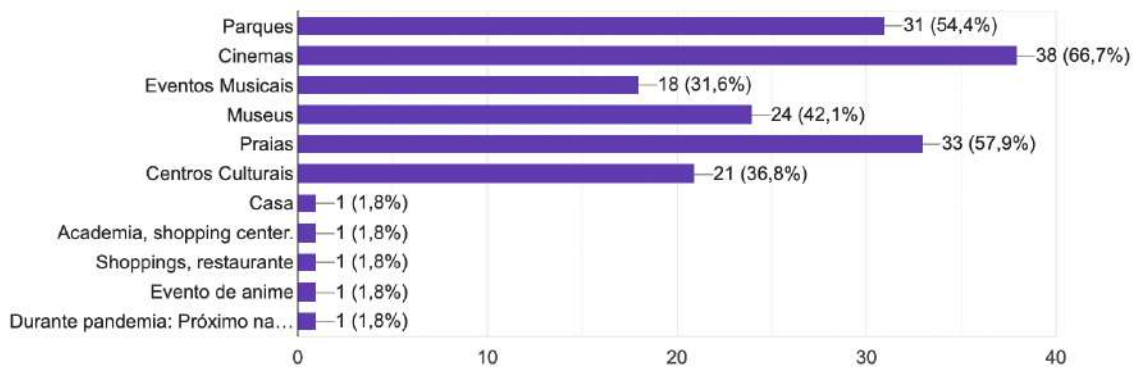
### Quais regiões mais busca lazer?

56 respostas



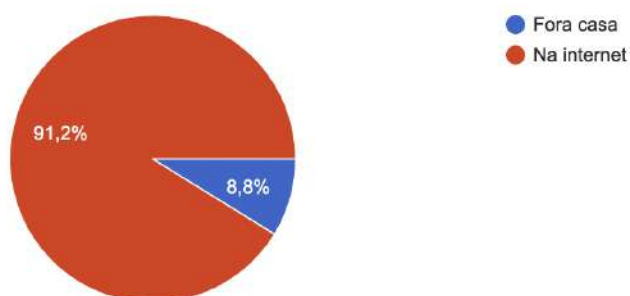
### Quais espaços de lazer você curte mais?

57 respostas



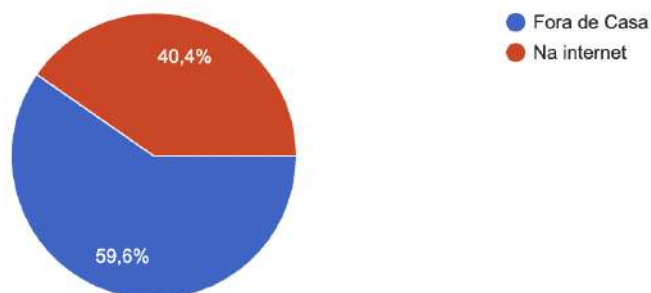
### Atualmente, você passa mais tempo fora de casa ou na internet?

57 respostas



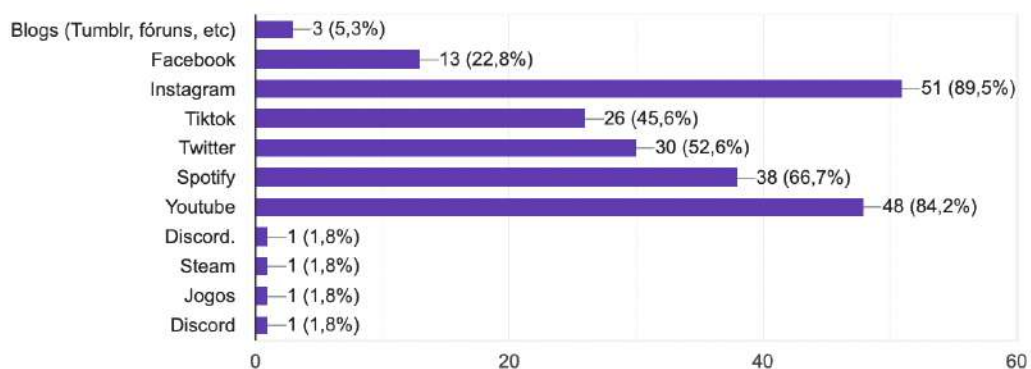
### E antes da Pandemia?

57 respostas



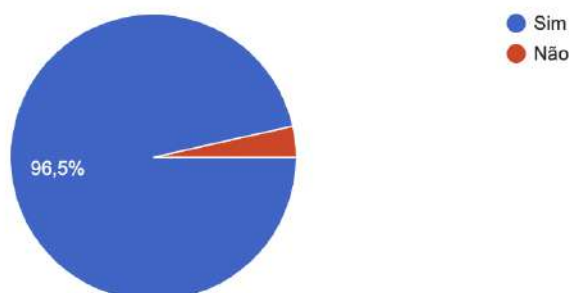
### Na internet, quais plataformas você mais utiliza para entretenimento?

57 respostas



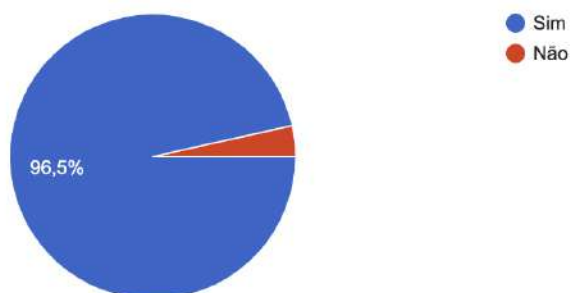
### Você acredita que as plataformas que você escolheu são importantes para que possa se conectar com pessoas?

57 respostas



Você utiliza essas plataformas para ter acesso a conteúdos de cultura? (Música, arte, etc)

57 respostas



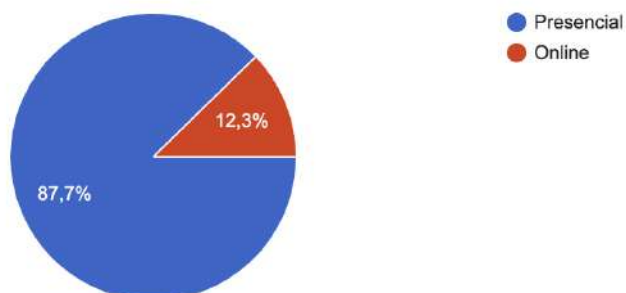
Quais o estilos musicais que você mais curte ouvir?

57 respostas

Pop
hip hop, funk, pop, trap
Cristã
Kpop
R&B
Eletrônica
Rap internacional, lo-fi ,R&B
Samba
Jazz, música ambiente, synthwave, rock, chiptune.

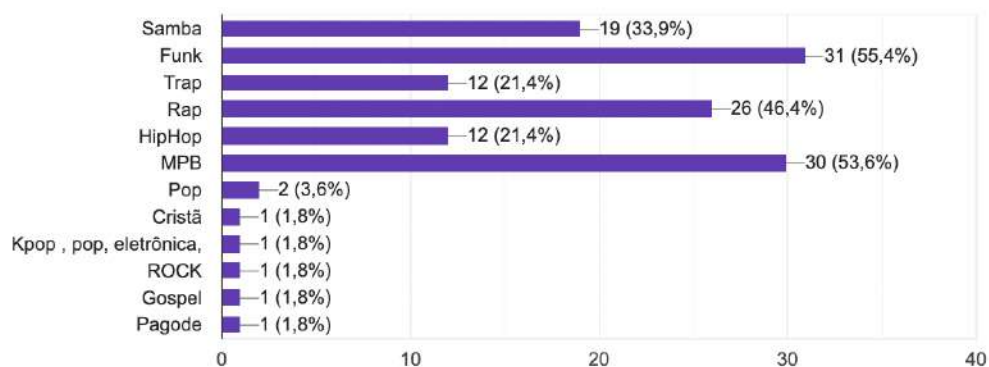
Você prefere ir em shows e eventos desses estilos musicais presencial ou online?

57 respostas



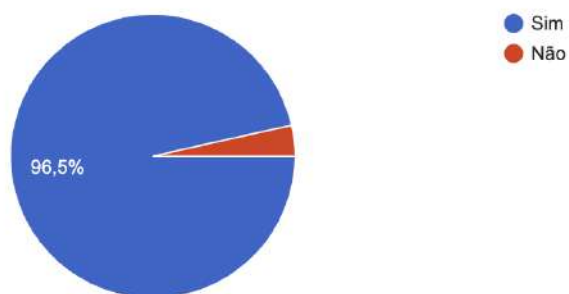
### Dos estilos musicais brasileiros, quais você se identifica mais?

56 respostas

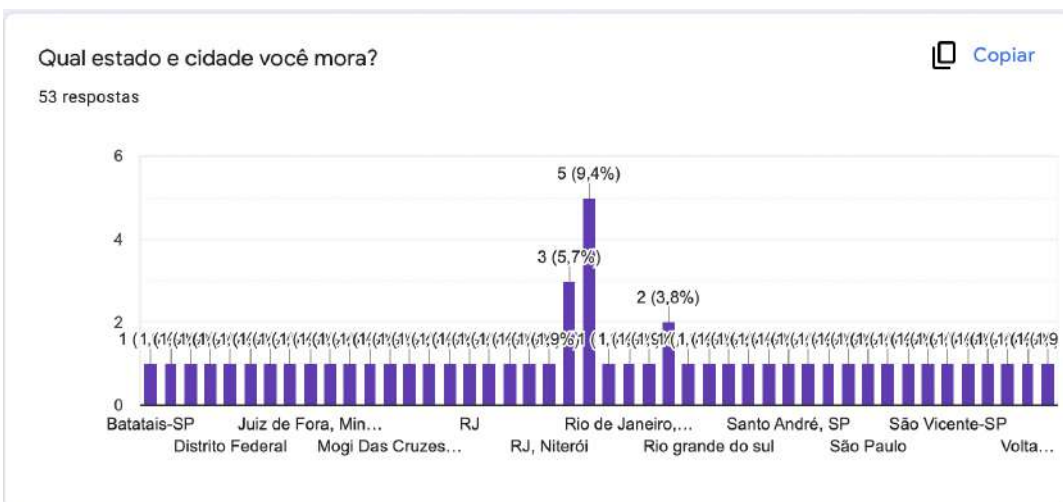
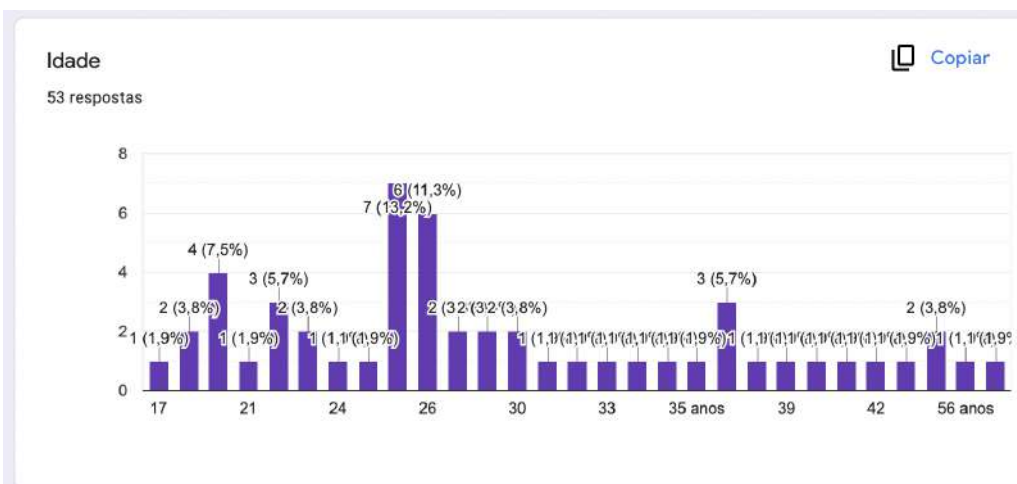


### Você acredita que a valorização dos estilos musicais e culturais afro brasileiros é algo positivo para jovens pretos?

57 respostas



## Formulário Galeria Preta



### Qual bairro ou região você mora?

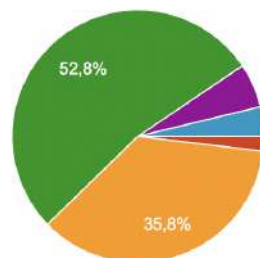
53 respostas

Batatais -SP Vila São Francisco
Samambaia
RJ
Centro
Vargem Pequena
Baixada Fluminense
Madureira/ zona norte
Alto da colina
Piedade (Zona Norte)

### Como você se identifica?

53 respostas

 Copiar

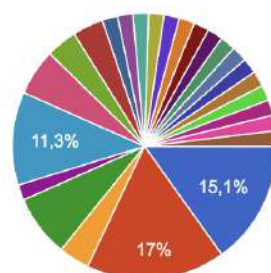


- Mulher Trans
- Homem Trans
- Mulher Cis
- Homem Cis
- Não-binário
- Prefiro não dizer

### Em qual nisto artístico você se encaixa?

53 respostas

 Copiar













- Pintura
  - Ilustração
  - Teatro
  - Produção Musical
  - Produção Audiovisual
  - Literatura
  - Dança
  - Dança
- ▲ 1/4 ▼

Se se sentir confortável, envie uma foto sua bem bonita para a divulgação.

 Ver pasta

47 respostas

-  IMG\_20220413\_140758\_255 - Gabriel Tavares.jpg
-  Cami escada - Anamila Bosig.png
-  FB\_IMG\_1649247941096 - Con Silva Naif.jpg
-  IMG-20211107-WA0007~2 - somos mais distrito Federal.jpg
-  C5D1677F-1293-46D8-9EA5-6BB6CDEB0BA0 - Rebeca Pereira.jpeg
-  f1c4323f-6c8e-4dd3-a9be-ca2829741f89 - Victor Hugo De Souza Mendes.jpg
-  U6kdHqzH\_400x400 - Marcos Lopes.jpg
-  IMG\_20220410\_134218\_216 - Tarso Tabu.jpg
-  724C709D-7B1E-4575-B393-EE5D6D5DCDE8 - Luis eduardo Sandrim.jpeg
-  IMG\_20211231\_125120\_100 - Ronne Peterson.webp

[Mais 37 arquivos](#)

Fale um pouco sobre você e como é sua relação com a arte

53 respostas

Eu sou o Preto Orfeu. Compositor, cantor e instrumentista, atuo atualmente como cajonista na noite nos bares cariocas trazendo ritmo e alegria com mistura dos estilos musicais colocando uma pitada de quem sou. Estou trabalhando pra lançar uns trabalhos autorais como minha canção chamada resistência, com intuito de falar de preto pra preto e de preto pra pessoas com atitudes racistas.

Sou uma multiartista preta que se envolve em todos os processos relacionados a produção musical e audiovisual. Nasci em uma família de músicos e por isso tive a oportunidade de crescer em um ambiente muito artístico. Tenho experiência como cantora/ compositora, atriz comediante, dançarina, escritora, professora, produção e direção musical. no momento estou me especializando na criação de obras audiovisuais. Meu trabalho autoral é voltado a crítica e exposição de tudo que, eu, mulher e preta, percebo como nocivo,abusivo, vil e perverso.

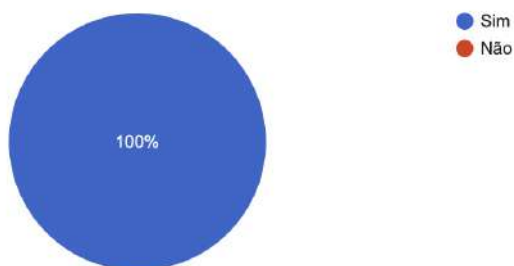
Minha primeiro contato com arte ainda criança foi o aprendizado de confecção de adereços em quadra de uma escola de samba fundada pelo meu pai e amigos, estou neste universo da pintura a 12 anos e entrou em minha vida como ferramenta para sair de um estado de tristeza pela perda de um irmão e de meus pais. Um amigo formado em belas artes se encantou com minha pintura e me incentivou a continuar. Em pouco tempo comecei a participar de exposições coletivas e individuais pelo Brasil e algumas internacionais. Recebi ao longo desses anos algumas menções e fui prêmio incentivo na última Bienal NAÏFS do Brasil do SESC



Sua arte transmite a sua relação com a região que você vive e sua negritude?



53 respostas



Se sim, descreva em poucas palavras essa relação

53 respostas

Sim

Falo sobre viver apesar de todas as atrocidades realizadas contra nosso povo preto.

Sou uma pessoa preta retinta, filha de pai branco e mãe preta de pele clara. Nasci nos Jardins em SP, em uma família de classe média alta. Estudei em colégios particulares onde eu e as faxineiras éramos as únicas pessoas

retintas. Nunca tive um professor preto.

Busquei a independência muito cedo; logo entendi quanto valia o dinheiro, e fui morar onde podia pagar. De lá do alto eu vi a verdade: a bolha, gigantesca, transparente, blindada; inquebrantável pra uns, e de sabão pra outros. Eu sou os outros.

Fui criada no catolicismo e como criança preta me incomodava a não presença de anjos pretos na arte sacra éramos muitas crianças pretas sem referência na religião que nos foi imposta, crianças pretas não mereciam o céu. Hoje imagens de santos e santas negras são referência em minha pintura. Meu irmão falecido era de religião de matriz africana e também sofreu muito preconceito por ser da religião, trago em minha arte a presença dos orixás e também denuncio a intolerância religiosa. Moro em um bairro com muitos moradores em situação de rua também e minha obra também é denúncia sobre a violência que sofrem pessoas pretas periféricas. O samba também se faz presente pois meu pai era compositor e fundador de uma escola de

Selecione as melhores fotos da sua arte para a divulgação. (Lembrando que todas as imagens serão publicadas com créditos)



42 respostas

 IMG-20220413-WA0049 - Gabriel Tavares.jpg

 IMG\_20220413\_140758\_255 - Gabriel Tavares.jpg

 IMG-20220413-WA0050 - Gabriel Tavares.jpg

 20211214\_003329 - Anamila Bosig.jpg


 FB\_IMG\_1649673660199 - Con Silva Naif.jpg

 FB\_IMG\_1649673287010 - Con Silva Naif.jpg

 FB\_IMG\_1649672370568 - Con Silva Naif.jpg

 FB\_IMG\_1649260423548 - Con Silva Naif.jpg

 FB\_IMG\_1649673569949 - Con Silva Naif.jpg

 caipora - somos mais distrito Federal.png

[Mais 148 arquivos](#)

Coloque a baixo o link do seu Instagram? (caso não tenha, deixe em branco)

49 respostas

<https://instagram.com/pretoorfeu?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

[@camiboer](#)

<https://www.instagram.com/cleitonbatistabjj/>

[@eurenatopedra](#)

<https://instagram.com/rebecapereirast?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

[@oblogdovictao](#)

<https://www.instagram.com/gomeslopesz/>

<https://instagram.com/tarsotabu?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

[@luissandrim](#)

Coloque a baixo o link para seu site? (caso não tenha, deixe em branco)

17 respostas

<https://www.instagram.com/somosmaisdf/>

<https://oblogdovictao.wixsite.com/poesia/blog/>

<https://www.facebook.com/bgirleia2021/>

[behance.com\nigrakranio](https://www.behance.com/nigrakranio)

<https://www.behance.net/euusesou>

<https://instagram.com/juniorcamini?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

<https://thamirissoares.com/>

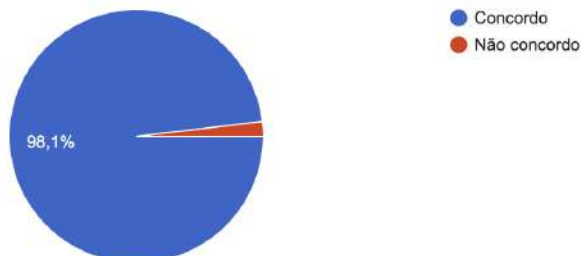
[https://www.instagram.com/cael\\_artes/](https://www.instagram.com/cael_artes/)

<https://roizalexandre.wixsite.com/alexandreroiz>

Esse projeto não possui qualquer fim lucrativo, as imagens enviadas serão devidamente creditadas aos respectivos artistas.

 Copiar

53 respostas



**GUETTO**

MANUAL DA MARCA

# Índice.

MARCA

CONCEITO

IDENTIDADE

LOGO  
PALETA DE COR  
TIPOGRAFIA

APLICA

SOCIALMEDIA  
SITE

# G

Gueto é ocupação digital da periferia, a partir da valorização da cultura, buscando expandir e desmistificar a visão sobre as regiões periféricas brasileiras, além de construir um espaço seguro para jovens pretos.

Com foco no público jovem, esse projeto nasceu de um trabalho de conclusão de curso da UFRJ. O Gueto se apropria dos movimentos culturais, Hip Hop e Funk, para dar destaque à história afro brasileira e à cultura como resistência dentro das regiões periféricas, e com isso estimular consciência sobre a própria negritude desses jovens.

**LOGO**

**QUETO**

**Q**

ÍCONE

**QUETO**

**Q**

ÍCONE

**LOGO**

CORES DA LOGO

**QUETO**

**QUETO**

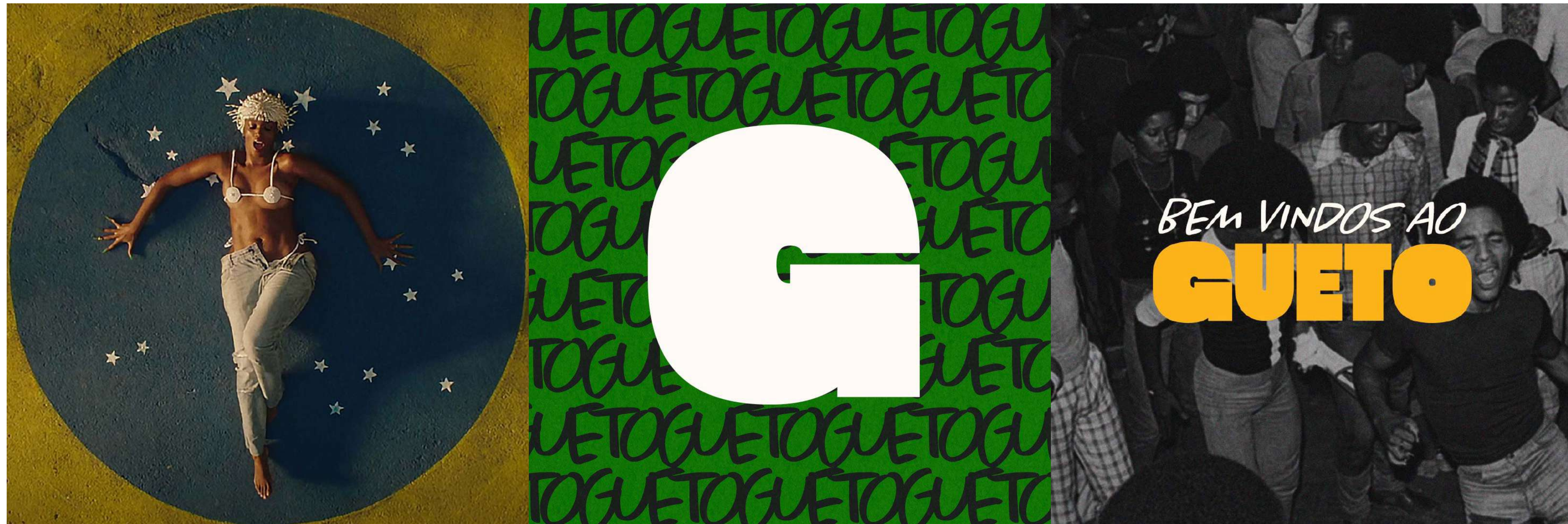
**QUETO**

**QUETO**



# LOGO

ARTE CONCEITO



# PALETA DE COR

<b>9E71FF</b>	<b>1371C0</b>	<b>B2C9E1</b>	<b>C3CE29</b>	<b>F4879F</b>
<b>3E7C27</b>	<b>5F4A27</b>	<b>EB4634</b>	<b>EB811D</b>	<b>FDB41B</b>
<b>222323</b>	<b>5F4A27</b>	<b>999999</b>	<b>E2E2E2</b>	<b>FFFAF5</b>



# TIPOGRAFIA

tipografia principal

**ANTON**

**Aa Bb**

CHANTAL

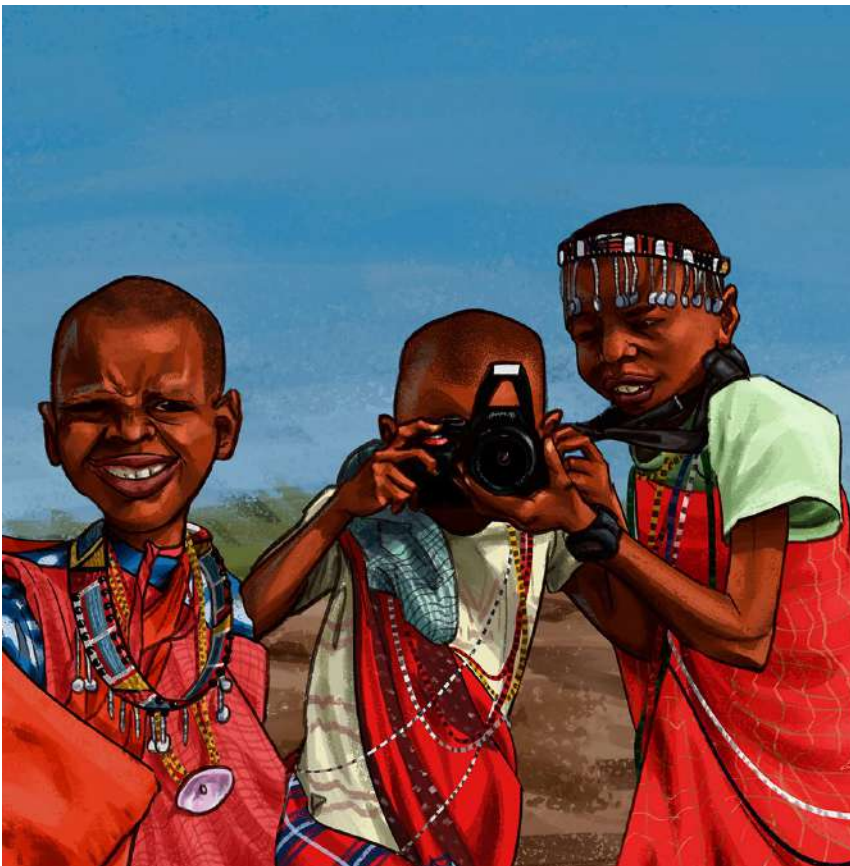
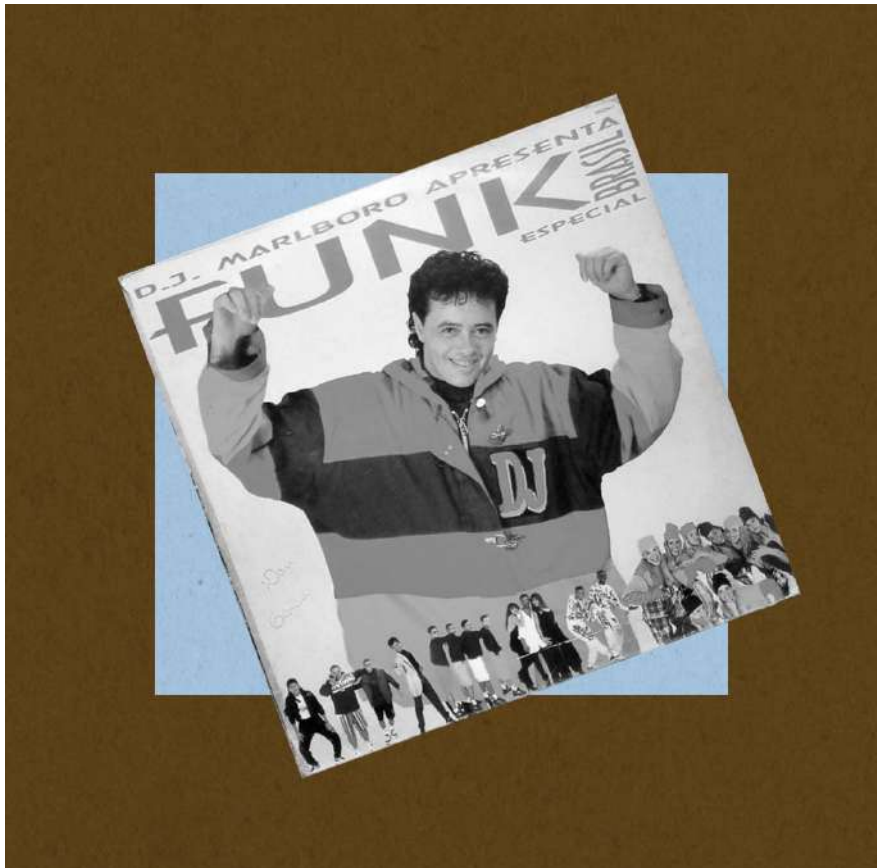
AB

tipografia apoio e site

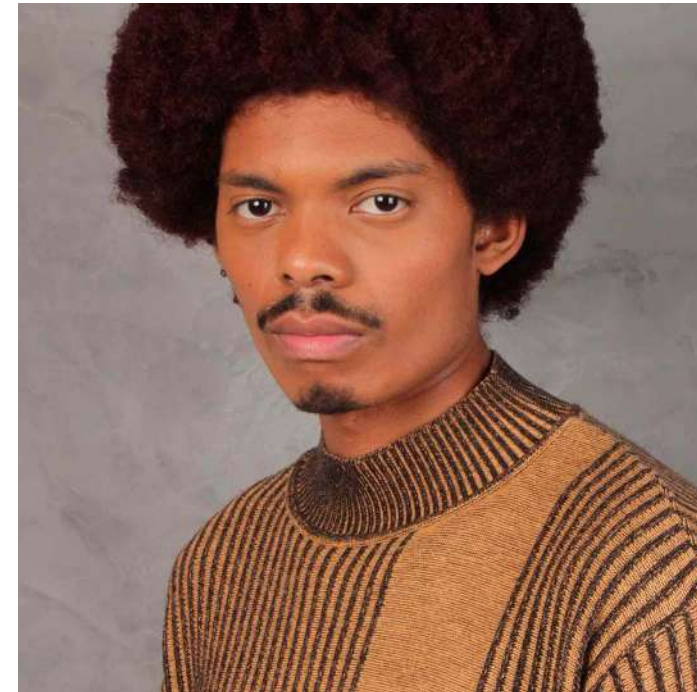
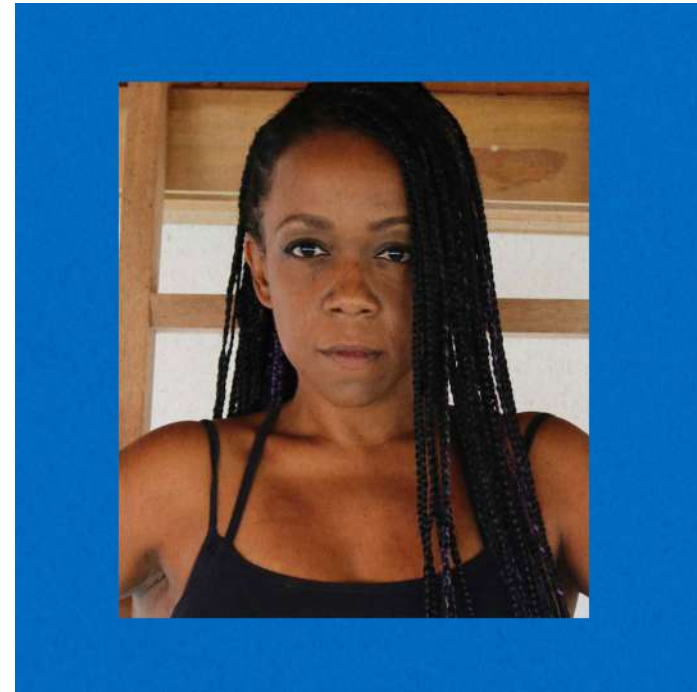
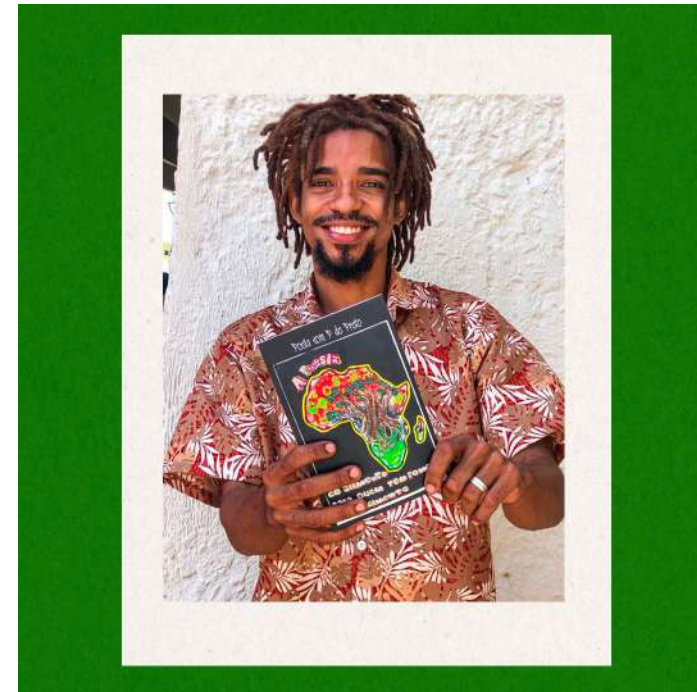
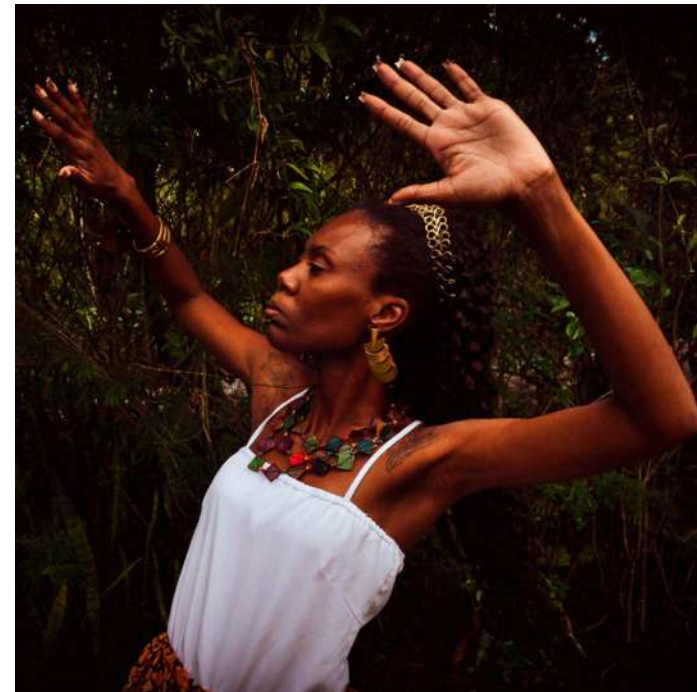
**HELVETICA  
NEUE**

**Aa Bb**

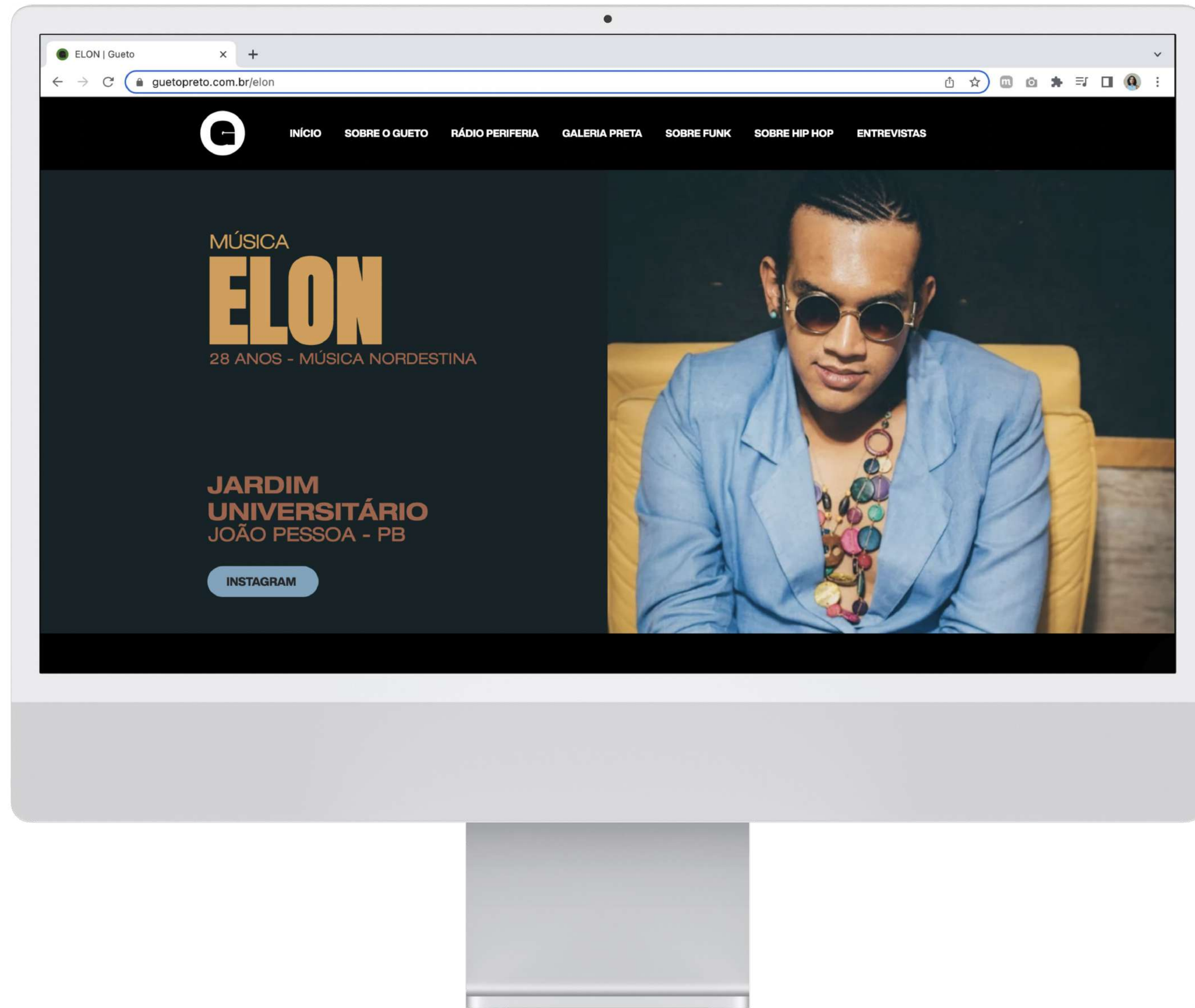
# SOCIAL MEDIA



# SOCIAL MEDIA



**SITE**



**QUETO**